



**UNIVERSIDADE DO MINHO**

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Sílvia Raquel da Cunha Mendonça

**“Mãos à Obra”:  
o Estágio final do Curso de Aprendizagem de  
“Técnico de Condução de Obra”**

Outubro de 2012





UNIVERSIDADE DO MINHO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Sílvia Raquel da Cunha Mendonça

**“Mãos à Obra”:  
o Estágio final do Curso de Aprendizagem de  
“Técnico de Condução de Obra”**

Tese de Mestrado em Educação  
Área de Mediação Educacional e Supervisão  
da Formação

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Professor Doutor Carlos Manuel Silva

Outubro de 2012

## DECLARAÇÃO

Nome: Sílvia Raquel da Cunha Mendonça

Endereço eletrónico: silvacat@sapo.pt Telefone: 965678093

Número do Cartão de Cidadão: 11902500

Título dissertação:

“Mãos à Obra”: o Estágio final do Curso de Aprendizagem de “Técnico de Condução de Obra”

Orientador: Professor Doutor Carlos Manuel Silva

Ano de conclusão: 2012

Designação do Mestrado:

Mestrado em Educação - Área de Mediação Educacional e Supervisão da Formação

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio dado pelos meus pais e pelo meu namorado no desenvolvimento deste projeto, à entidade que permitiu o seu desenvolvimento e ao Professor Carlos Silva pelas orientações e sugestões fornecidas.



## RESUMO

O estágio profissional desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação – área de Mediação Educacional e Supervisão da Formação, insere-se no contexto da supervisão da formação, mais concretamente, na supervisão do estágio final de uma ação do Curso de aprendizagem de “Técnico de Condução de Obra”, na qual exerci funções de formadora nos módulos de Matemática.

O estágio realizado no âmbito do mestrado concretizou-se num centro de formação profissional na área da construção civil, o CICCOPN (Centro de Formação para a Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Norte).

Este relatório apresenta inicialmente uma breve resenha acerca da história da educação em Portugal e alguma legislação existente neste âmbito, seguindo-se do enquadramento da formação profissional em Portugal, em particular, do Sistema de Aprendizagem em Alternância, sucedendo-se algumas considerações em torno do tema da supervisão. Posteriormente refere-se a metodologia utilizada na investigação e desenvolve-se o processo de monitorização e acompanhamento do estágio dos formandos da ação, tecendo-se algumas considerações sobre os dados observados para cada um dos elementos.

Finaliza-se este relatório através da formulação de algumas considerações sobre os resultados obtidos e referindo algumas sugestões para futuros estágios, apresentando-se também uma reflexão sobre a investigação desenvolvida.





## **ABSTRACT**

This report deals with the professional stage made within the Master in Education – Educational Mediation and Formation Supervision. It concerns the supervision of the final stage of the Work Team Leader Course in which I was a Mathematics teacher.

The internship took place in a professional education civil construction centre – the CICCOPN (Education Centre for the Civil Construction Industry and the Northern Public Works).

This report shows a short review on the history of professional education in Portugal and some related law and the framing of the professional education particularly the Alternative Learning System. It includes considerations in the area of supervision and shows the research methods and the students monitoring process during the stage. Some considerations are made on the data observed from each student.

The report ends with some considerations on the results and some suggestions for future stages as well as with a reflection on the research work.



## ÍNDICE

RESUMO .....	v
ABSTRACT.....	vii
ÍNDICE DE ANEXOS.....	xi
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	xii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xii
ÍNDICE DE QUADROS.....	xiii
ÍNDICE DE TABELAS.....	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS .....	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. A EDUCAÇÃO EM PORTUGAL .....	7
1.1. Dos primeiros séculos à era do Iluminismo .....	7
1.2. Da Reforma Pombalina à Revolução Liberal.....	8
1.3. Da República ao Estado Novo.....	9
1.4. Após o 25 de Abril .....	11
1.4.1. O período revolucionário (1974-1976).....	11
1.4.2. O período entre 1976 e 1986 .....	12
1.5. Da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 até à atualidade.....	14
1.5.1. A primeira Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei n.º 46/86.....	14
1.5.2. Primeira alteração à LBSE, Lei n.º 115/97.....	16
1.5.3. Segunda alteração à LBSE, Lei n.º 49/2005 .....	16
1.5.4. Atualidade: a Lei n.º 85/2009.....	17
2. O SISTEMA DE APRENDIZAGEM EM ALTERNÂNCIA .....	18
2.1. Princípios orientadores dos Cursos de Aprendizagem em Alternância .....	19
2.1.1. Destinatários, tipologia de cursos e certificação escolar e profissional .....	20
2.1.2. Componentes de formação .....	20
2.2. A Prova de avaliação final .....	21
2.3. A engrenagem do ensino em regime de Alternância .....	21
3. A SUPERVISÃO .....	24
CAPÍTULO II – A PROPOSTA DE ESTÁGIO E A METODOLOGIA UTILIZADA.....	27
1. NECESSIDADES/INTERESSES.....	29
2. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO.....	30
3. METODOLOGIA E CRONOGRAMA .....	30
CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL.....	37
1. O SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL E A INSTITUIÇÃO .....	39
1.1. Caracterização do Sector da Construção Civil.....	39
1.2. O CICCOPN.....	41
1.2.1. A qualificação Inicial de Jovens no CICCOPN .....	43

1.2.2. Os Cursos de Aprendizagem do CICCOPN .....	44
1.2.3. Caracterização dos formandos dos Cursos de Aprendizagem do CICCOPN .....	45
2. O CURSO DE CONDUÇÃO DE OBRA – MODALIDADE DE APRENDIZAGEM .....	51
2.1. O Plano de estudos .....	51
2.2. A Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho Plano de Estudos.....	51
2.3. Perfil de Saída .....	53
3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA .....	53
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	61
1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....	63
1.1. O processo de monitorização de estágio da turma de Condução de Obra.....	64
1.2. Acompanhamento do formando F1 .....	65
1.3. Acompanhamento do formando F2 .....	67
1.4. Acompanhamento do formando F3 .....	69
1.5. Acompanhamento do formando F4 .....	71
1.6. Acompanhamento do formando: F5 .....	72
1.7. Acompanhamento do formando: F6 .....	74
1.8. Acompanhamento do formando: F7 .....	76
1.9. Acompanhamento do formando: F8 .....	77
1.10. Acompanhamento do formando: T9 .....	79
1.11. Acompanhamento dos Formandos F10 e F11 .....	82
1.12. Acompanhamento do Formando F12 .....	83
1.13. Acompanhamento do Formando F13 .....	85
1.14. Acompanhamento do Formando F14 .....	86
2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS RELATIVAMENTE AOS FORMANDOS.....	87
2.1. Categoria I – Adequação da Formação Base .....	87
2.2. Categoria II – Enquadramento na Empresa/Obra/Equipa .....	87
2.3. Categoria III – Realização Profissional.....	88
2.4. Categoria IV – Sugestões.....	88
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS RELATIVAMENTE AOS TUTORES.....	89
3.1. Categoria I – Adequação da Formação Base .....	89
3.2. Categoria II – Enquadramento na Empresa/Obra/Equipa .....	90
3.3. Categoria III – Adequação da Faixa Etária .....	90
3.4. Categoria IV – Sugestões.....	91
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS .....	93
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	99
ANEXOS .....	104

## ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo I – Lei n.º 46/86: Lei de Bases do Sistema Educativo
- Anexo II – Lei nº 115/1997 : primeira alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo
- Anexo III – Lei nº 49/2005: segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo
- Anexo IV – Lei n.º 85/2009: lei atual do sistema de ensino
- Anexo V – Portaria n.º 1497/2008: Sistema de Aprendizagem em Alternância
- Anexo VI – Entrevista ao Coordenador da Ação
- Anexo VII – Questionário aos Formandos para elaboração da Caracterização da Turma
- Anexo VIII – Referencial de Formação: Condução Obra
- Anexo IX – Entrevista aos Formandos
- Anexo X – Entrevista aos Tutores
- Anexo XI – Transcrições das entrevistas
- Anexo XII – Ficha de Acompanhamento dos Formandos

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1	– Distribuição dos formandos por curso	45
Gráfico nº 2	– Distribuição dos formandos por género	46
Gráfico nº 3	– Distribuição dos formandos por ano de nascimento	46
Gráfico nº 4	– Reprovações dos formandos	47
Gráfico nº 5	– Escolaridade dos pais dos formandos	48
Gráfico nº 6	– Situação profissional dos pais dos formandos	48
Gráfico nº 7	– Distribuição dos formandos por Distrito	49
Gráfico nº 8	– Distribuição dos formandos por Concelhos do Distrito do Porto	50
Gráfico nº 9	– Residência do formando quando deslocado	50
Gráfico nº 10	– Idade dos formandos da Turma	54
Gráfico nº 11	– Nível escolar dos formandos quando iniciaram a formação	54
Gráfico nº 12	– Número de repetições escolares antes do início da formação	55
Gráfico nº 13	– Distância entre a residência e o centro de formação	55
Gráfico nº 14	– Necessidade de residir próximo do centro	56
Gráfico nº 15	– Comparação do nível de escolaridade dos pais dos formandos	58
Gráfico nº 16	– Motivações dos formandos relativamente à escolha do curso	58
Gráfico nº 17	– Experiência profissional dos formandos	59

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	– Ilustração da Formação em Alternância	22
Figura 2	– Grelha de avaliação	65

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Organização do Sistema Educativo	15
Quadro 2 – Componentes de formação dos cursos de aprendizagem	20
Quadro 3 – Competências/capacidades previstas em cada domínio	23
Quadro 4 – Síntese da definição de supervisão	25
Quadro 5 – Competências do Supervisor	26
Quadro 6 – Cronograma, metodologia e objetivos	32
Quadro 7 – Cursos ministrados no âmbito do eixo 1	43
Quadro 8 – Agregado familiar: mães	57
Quadro 9 – Agregado familiar: pais	57

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – População Escolar entre 1974 e 1990	13
Tabela 2 – Volume de formação existente no centro, em Dezembro de 2009	42
Tabela 3 – Distribuição, por módulos, das componentes de formação	52

## LISTA DE ABREVIATURAS

AICCOPN	– Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte.
AVAC	– Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado
CAP	– Certificado de Aptidão Profissional
CEB	– Ciclo de Ensino Básico
CICCOPN	– Centro de Formação para a Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Norte
CNQ	– Catálogo Nacional de Qualificação
CNO	– Centro Novas Oportunidades
CP	– Coordenadora Pedagógica
CPCI	– Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário
$E_{i=1,\dots,k}$	– Empresa 1 a 14
$F_{i=1,\dots,k}$	– Formando 1 a 14
FEPICOP	– Federação Portuguesa da Indústria da Construção e Obras Públicas
IEFP	– Instituto de Emprego e Formação Profissional
INE	– Instituto Nacional de Estatística
LBSE	– Lei de Bases do Sistema Educativo
PAF	– Prova de Avaliação Final
POPH	– Programa Operacional Potencial Humano
$T_{i=1,\dots,k}$	– Tutor 1 a 14



# Introdução



## INTRODUÇÃO

O estágio profissional desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação - área de Mediação Educacional e Supervisão da Formação, insere-se no contexto da supervisão da formação, mais concretamente, a supervisão do estágio final de uma ação do curso “Técnico de Condução de Obra”, na qual exerci funções de formadora nos módulos de Matemática.

O estágio realizado no âmbito do mestrado concretizou-se num centro de formação profissional na área da construção civil, o CICCOPN (Centro de Formação para a Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Norte), local onde desenvolvi a minha atividade profissional nos últimos quatro anos.

A ideia surgiu em diálogo com a turma, quando questionei os formandos acerca do seu estágio anterior e foram apontadas alguns descontentamentos e expectativas defraudadas, sobretudo devido a um desfasamento entre as tarefas desempenhadas e o âmbito do estágio (A Condução de Obra). Desta forma, foi feito o acompanhamento do estágio final dos formandos da ação no sentido de perceber como este decorre, tendo em vista a possibilidade de contribuir para melhorar os processos de formação junto do Departamento Pedagógico desta instituição.

O relatório que em seguida se apresenta encontra-se dividido em cinco Capítulos:

– No Capítulo I apresenta-se o enquadramento teórico deste relatório, que se inicia com uma breve resenha história acerca da educação em Portugal e a exploração de alguma legislação existente neste âmbito, nomeadamente, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). Em seguida desenha-se o enquadramento da formação profissional em Portugal, em particular, do Sistema de Aprendizagem em Alternância. Aqui faz-se a contextualização em termos de legislação e apresentam-se os aspetos fundamentais do seu funcionamento. Atendendo ao âmbito deste mestrado, apontam-se ainda neste capítulo algumas referências em torno do tema da supervisão, bem como o esclarecimento do que é, atualmente, a supervisão num contexto educativo.

– O Capítulo II refere-se ao enquadramento metodológico do estágio desenvolvido, apresentando-se aqui a proposta de estágio e a metodologia seguida. Esta investigação trata-se

de um estudo de caso que se reporta à supervisão do estágio profissional de uma ação de um curso de aprendizagem, revestindo-se de carácter metodológico, tanto qualitativo como quantitativo. São utilizadas medidas quantitativas ao caracterizar e tipificar os formandos que frequentam as ações de aprendizagem do CICCOPN, nomeadamente da nossa ação, e são utilizadas medidas qualitativas no que se refere ao acompanhamento dos estágios. Desta forma, tecem-se alguns comentários em torno dos métodos de investigação utilizados: questionário, notas de campo, pesquisa documental e entrevista.

– No Capítulo III destaca-se o enquadramento contextual do estágio, e para tal apresenta-se o CICCOPN – centro de formação no qual se realizou o estágio do mestrado – referindo-se a sua criação e os tipos de formação lá ministrados bem como a tipificação geral dos formandos das ações de aprendizagem que frequentam o centro. Para tal, foi realizada alguma pesquisa documental, nomeadamente ao nível do “Relatório de Atividade de 2010”, por nele constarem os dados relativos à ação alvo de supervisão, e o “Plano de Atividades de 2012”, dado que houve uma alteração na área da construção civil, atendendo à situação do país. Nesta parte alude-se ao sector da construção civil em Portugal, dando particular ênfase ao seu estado atual. Neste capítulo apresenta-se também o Curso de Técnico Condução de Obra e caracteriza-se a turma alvo da investigação.

– No capítulo IV apresentam-se e discutem-se os resultados da investigação. Este capítulo inicia-se com a caracterização dos formandos da ação e seguidamente apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos durante o processo de monitorização de estágio. Este processo iniciou-se pela caracterização geral dos formandos da ação cujos dados foram obtidos por meio de um questionário e através de uma entrevista realizada ao seu coordenador. Durante este processo os formandos e respetivos tutores foram visitados nos seus locais de estágio/empresas, utilizando-se entrevistas gravadas e notas de campo para a recolha de dados sobre os estágios, bem como a Internet e folhetos das empresas para estabelecer o seu enquadramento.

– O relatório culmina, no Capítulo V, com apresentação de algumas considerações acerca dos resultados obtidos bem como algumas sugestões para futuros estágios, apresentando-se também uma reflexão sobre a investigação desenvolvida.

# Capítulo I

## Enquadramento Teórico



## CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste primeiro capítulo apresenta-se o enquadramento teórico do presente relatório. Este enquadramento encontra-se dividido em três partes: a Educação em Portugal, o Sistema de Aprendizagem em Alternância e a Supervisão.

No que se refere à Educação em Portugal, apresentam-se alguns pontos importantes da sua evolução sintetizados a partir da leitura do livro “ O Ensino em Portugal”, de Rómulo de Carvalho, bem alguma legislação existente neste âmbito, nomeadamente, a Lei de Bases do Sistema Educativo. Para o desenvolvimento do ensino pós 25 de Abril foram consultado o livro “Portugal, 20 anos de Democracia”, de António Reis e o livro “História de Portugal em Datas”, de Rui Capelo.

Em seguida, desenha-se o enquadramento da formação profissional em Portugal, em particular, do Sistema de Aprendizagem em Alternância, contextualizando este sistema em termos de legislação e referindo-se os aspetos fundamentais do seu funcionamento.

Este capítulo termina com algumas referências em torno da supervisão, apontando-se algumas referências em torno do tema deste mestrado.

### 1. A EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

#### 1.1. Dos primeiros séculos à era do Iluminismo

Durante os primeiros séculos do cristianismo apenas os indivíduos ligados à Igreja se interessavam pela instrução e pelo seu desenvolvimento. Durante o período da Idade Média, o ensino restringia-se a alguns mosteiros ou escolas e baseava-se na leitura, na escrita e nos princípios da contagem. Ainda durante este período, em 1288, no reinado de D. Dinis, é criada a primeira universidade portuguesa, em Lisboa, com a designação de *Estudo Geral*. Assim como outras universidades da época, o principal domínio aí ministrado revestia-se de carácter religioso.

Mais tarde, esta foi transferida para Coimbra e de lá novamente para Lisboa, até se fixar definitivamente em Coimbra, em 1537, no reinado de D. João III. Eram quatro as matérias ensinadas no *Estudo Geral*: Direito, Medicina, Teologia e Artes. Esta última dividia-se em dois grupos de disciplinas: o *trivium* (Gramática, Retórica e Dialética ou Lógica) e o *quadrivium* (Aritmética, Música, Geometria e Astronomia). Surgem, por esta altura, as primeiras gramáticas latinas e é impresso, em 1519, o primeiro livro de Aritmética. Por esta altura foram criados os *colégios*, onde estavam instalados os estudantes e se ministravam os cursos, criando-se também uma escola preparatória ou *Colégio das Artes*, que, a exemplo do que se fazia no resto da Europa, tinham a função de preparar para o ingresso na universidade, separando-se assim dos ensinos preparatório e secundário. De acordo com Carvalho (1986, p. 263).

[o] colégio das artes, dentro do esquema do ensino da sua época, correspondia...a uma escola secundária com o duplo aspecto de possuir uma finalidade em si mesma e de servir de preparatório ao ingresso na Universidade. Esta dupla função que permitiu separar dois graus de ensino e torná-los independentes constitui o grande merecimento da reforma pedagógica do reinado de D. João III.

Em 1536 é publicada a primeira gramática de língua portuguesa. Nos séculos XVI e XVII, os jesuítas ocupam quase todo o palco da educação, com a criação inúmeros colégios em todo o país, nos quais o ensino era gratuito. O único espaço onde não conseguiram entrar foi justamente na Universidade de Coimbra. Criam também, em 1559, a Universidade de Évora. Só no séc. XVIII, durante a era do Iluminismo, se verifica o seu declínio, com a expulsão desta Ordem de Portugal e a sua substituição por outras duas ordens religiosas: os Clérigos de S. Caetano e a Ordem de S. Filipe Néri, que tiveram um papel fundamental nas reformas levadas a cabo, nesse mesmo século, pelo Marquês de Pombal.

## 1.2. Da Reforma Pombalina à Revolução Liberal

Dá-se o início à concorrência entre os poderes da Igreja e do Estado, começando este último a controlar progressivamente a educação formal, lançando as bases de um sistema



educativo que irá dirigir, financiar e controlar. O Marquês de Pombal leva a cabo importantes reformas no ensino português através da criação, em 1759, da Direção Geral dos Estudos, e inaugurando uma série de medidas que culminam com a reforma geral do ensino em 1772. Abrem-se assim as *Escolas Menores*, que se multiplicam pelo país e pelos domínios ultramarinos e, nesse mesmo ano, o número de professores existentes, juntamente com os dos *mestres de ler*, passa a ser de 837.

No reinado seguinte, o de D. Maria I, o ensino regressa ao domínio das ordens religiosas, sendo grande parte do ensino elementar e médio ministrado em conventos.

Após a Revolução Liberal de 1820 nasce o Conselho Superior da Instrução Pública, que passa a ser superintendente dos assuntos relativos ao ensino.

Em 1836 são publicadas as reformas da instrução primária, secundária e superior:

- No que se refere à instrução primária, é introduzida a ginástica e são implementadas de “escolas de meninas”;
- Relativamente à instrução secundária, são criados os liceus (um em cada distrito e dois em Lisboa);
- No que concerne ao ensino superior planeia-se a criação de Escolas do Ensino Superior em Lisboa e no Porto, para além da que já existe em Coimbra e criam-se duas escolas especiais, a Escola Politécnica de Lisboa e a Academia Politécnica do Porto.

### 1.3. Da República ao Estado Novo

A educação e o ensino irão ser marcados pela República, proclamada a 5 de Outubro de 1910. Antes de iniciar qualquer reforma, procede este novo regime à extinção das ordens religiosas, que se vêm obrigadas a deixar o país. Ainda nesse mesmo ano, é posto de parte o ensino da doutrina cristã nas escolas primárias, seguindo-se a abolição, no ensino superior, de várias prerrogativas e práticas seculares, bem como a da disciplina de Teologia.

Por esta altura as taxas de analfabetismo no país eram bem superiores às da maioria dos países europeus.

Em 1911 dá-se a reforma do ensino primário. Este tornou-se de carácter obrigatório, com a duração de três anos. Um dos mais conhecidos personagens que se encontra na base desta reforma é João de Deus, autor da famosa “cartilha maternal”, método de ensinar.

Neste mesmo ano são também criadas Universidades de Lisboa e do Porto e em 1919 a escolaridade obrigatória passa para os cinco anos.

Em 1926 dá-se início ao período de ditadura e o ensino sofre grandes modificações. É criada a “escola nacionalista”, de carácter moral. Os programas reduzem-se à aprendizagem escolar de base, proíbe-se a coeducação, reduz-se o ensino primário, extinguindo-se as escolas normais superiores, e o combate ao analfabetismo deixa de ser uma prioridade, já que a ignorância da leitura e da escrita evitava, na perspetiva vigente, o contágio de outras ideias que poderiam vir a destabilizar o regime em vigor. “*Deus, Pátria e Família*”, era o lema de Salazar. Com a criação da Mocidade portuguesa, este

obrigou toda a juventude do país à disciplina de uma farda e ao compasso de um hino, na imitação embevecida do fascismo italiano e do nazismo alemão... Teve sempre como objectivo a moldagem das crianças e dos adolescentes ao modelo nacionalista que defendia e isso obrigou a concertar todas as atenções nos ensinos primário e liceal. O ensino universitário não lhe interessava, como é óbvio e, em pleno século XX e numa “hora alta” de ressurgimento nacional, não deu a mínima atenção ao ensino técnico. (Carvalho, 1986, p. 778).

Em 1952, entra em vigor o Plano de Educação Popular para combate ao analfabetismo, passando a escolaridade obrigatória a ser de quatro anos em 1956 (apenas para os alunos do sexo masculino) e para 6 anos em 1966. Os jovens que não tinham a pretensão de prosseguir os estudos teriam de frequentar os 6 anos obrigatórios, enquanto que, os restantes, após aprovação em exame, poderiam ter acesso aos liceus ou ao ensino técnico. Em 1967, cria-se o ensino preparatório, resultante da fusão dos dois primeiros anos dos ensinos liceal e técnico.

#### **1.4. Após o 25 de Abril**

Após a revolução de Abril de 1974 destacam-se alguns momentos de importância relevante que se dividem em três fases. Uma primeira fase corresponde à vigência dos governos provisórios que foram formados entre a data da revolução e a data de entrada em funções do I Governo Constitucional, em Julho de 1976, que se denomina período revolucionário; uma segunda fase que medeia entre esta data e a aprovação, pela Assembleia da República, da Lei de Bases do Sistema Educativo, em Outubro de 1986; e uma terceira fase entre 1986 e a atualidade.

##### **1.4.1. O período revolucionário (1974-1976)**

O período revolucionário é um dos períodos mais conturbados da história da educação em Portugal.

Destacam-se, neste período a existência de dois aspetos positivos. Em primeiro lugar, com o objetivo de se estabelecer uma escolaridade obrigatória de oito anos, foram unificados os 7º e 8º anos de escolaridade no ensino secundário. A unificação do ensino secundário teve, no entanto, algumas consequências no que diz respeito ao ensino técnico (agrícola, industrial e comercial), atendendo às reestruturações efetuadas nas instituições, que consequentemente foram perdendo as características de escolas que preparavam para a vida ativa e transformando-se em escolas do tipo «liceal».

O segundo aspeto positivo prende-se com a modificação efetuada nos currículos escolares, dos quais foram retiradas as matérias e os temas que eram diretamente associados ao regime anterior a abril de 1974.

#### 1.4.2. O período entre 1976 e 1986

A partir de 1978 foram sendo introduzidas, aos poucos, alterações estruturais que seguiram o fio condutor que mais tarde deram origem, em 1986, à Lei de Bases do Sistema Educativo. As grandes modificações e tendências observadas durante este período são:

- a) A massificação e democratização do sistema educativo;
- b) A consolidação da escolaridade obrigatória de seis anos;
- c) As modificações operadas no ensino secundário e a diversificação da formação profissional;
- d) A expansão e diversificação do ensino superior;
- e) O desenvolvimento e a expansão do ensino superior particular e cooperativo;
- f) A criação e consolidação dos cursos de pós-graduação universitária;
- g) A modificação dos esquemas de formação de professores;
- h) O alargamento dos esquemas de educação de adultos;
- i) O lançamento do ensino especial.

Das modificações acima referidas destacam-se a massificação e democratização do sistema educativo e a consolidação da escolaridade obrigatória de seis anos.

O aumento da procura do sistema educativo e o consequente aumento do número de estudantes em todos os níveis que integram o sistema constitui uma das tendências mais evidentes da evolução da educação em Portugal a seguir ao 25 de abril. Este crescimento da procura pode ser observado na Tabela 1 (Reis, 1994).

O aumento registado no número de alunos assenta na extensão da escolaridade, no aumento da oferta educativa e também num aumento da procura por parte de alguns estratos sociais, que passaram a considerar a educação como fator de valorização e de formação, tanto na atividade profissional como na área social. Esta procura torna-se, apesar de tudo, distorcida,

dado que tanto os jovens como as famílias, ao decidirem pela continuação e pelo prolongamento dos estudos para além dos obrigatórios desejam aceder ao ensino superior e ao grau de licenciado. “Este comportamento mostra de forma evidente a importância e a tradição que este grau continua a ter na sociedade portuguesa e cujo peso foi fortemente reforçado”. (Reis, 1994, p. 410).

**Tabela 1 – População Escolar entre 1974 e 1990 (Reis, 1994, p.410)**

ANO LETIVO	PRÉ-ESCOLAR (*)	ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO (*)					ENSINO SUPERIOR (**)	ENSINO MÉDIO E OUTRO (***)
		1 - 4	5 - 6	7 - 9	10 - 11	11 - 12	Universitário	Não Universitário
1974-75	42 490	933 112	253 192	241 560		56 910 (**)		174 547
1980-81	100 178	917 925	322 382	259 289	178 118	69 682	27 050	74 859
1984-85	116 325	890 371	375 516	314 880	248 823	83 448	35 248	74 299
1989-90	121 636	670 441	343 192	363 384	287 913	107 905	38 882	87 369

(\*) INE – Estatísticas da Educação

(\*\*) Dados extraídos do sistema Educativo Português – Situação e Tendências, 1990, Ministério da Educação

(\*\*\*) Engloba os ensinos liceal e médio, os cursos de índole profissional, o ensino artístico e outros

A extensão da escolaridade obrigatória para seis anos, decretada em 1966, constituiu objetivo para o qual se tornou necessário mobilizar todos os meios disponíveis. Assim, foi criado o ciclo preparatório TV, com o objetivo essencial de cobrir zonas do país onde não houvesse estabelecimentos educativos capazes de garantir o cumprimento desta escolaridade obrigatória.

Em 1978, foram adotadas as primeiras orientações que visavam introduzir nos 10.º e 11.º anos de escolaridade componentes vocacionais que tinham como objetivo preparar os jovens para a vida ativa, sem que a escolha dessas vias de formação por parte do estudante impedisse o prosseguimento de estudos, nomeadamente o acesso ao ensino superior.

Em 1980, o governo na altura entendeu igualmente que se tornava necessário reforçar a formação técnica e profissional, o que levou a que, em simultâneo com a transformação do ano propedêutico em 12.º ano de escolaridade, se tenha criado uma modalidade de ensino virada essencialmente vocacionada para a vida ativa e com carácter profissionalizante.

## **1.5. Da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 até à atualidade**

Em seguida apresenta-se a Lei de Bases do sistema Educativo e as alterações nela efetuadas no decorrer dos anos até ao presente.

### **1.5.1. A primeira Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei n.º 46/86**

Em 1986 é decretada a LBSE, a Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro (Anexo I). Esta lei vem estabelecer o quadro geral do sistema educativo. Inicia-se pela definição do sistema educativo afirmando que se trata “do conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”.

No Artigo 2.º desta lei estabelecem-se os princípios gerais do sistema de ensino, que assentam nos seguintes pressupostos:

- 1) Todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República.
- 2) O estado é responsável por promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.
- 3) No acesso à educação e na sua prática é garantido a todos os portugueses o respeito pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar, com tolerância para com as escolhas possíveis, tendo em conta, designadamente, que a educação não será programada segundo diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas, que o ensino público não será confessional e é garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas.
- 4) A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva.

No capítulo II da LBSE apresenta-se a organização do sistema educativo, que compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extraescolares, que se encontram sintetizadas no Quadro 1.

**Quadro 1 – Organização do Sistema Educativo**

<b>Educação pré-escolar</b>	Tem como objetivo ser complementar à ação educativa da família. Inicia-se aos três anos e termina com o ingresso no ensino básico. A sua frequência é facultativa O estado subsidia parte dos seus custos de funcionamento.	
<b>Educação escolar</b>	<b>Ensino Básico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ingressam crianças que completem 6 anos de idade até 15 de Setembro</li> <li>▪ A obrigatoriedade de frequência termina aos 15 anos de idade.</li> <li>▪ Tem como principal objetivo assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;</li> </ul>
	<b>Ensino Secundário</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Podem ingressar os que completarem com o ensino básico.</li> <li>▪ Os cursos têm a duração de três anos e organizam-se de variadas formas contemplando a existência de cursos orientados para a vida ativa ou para o prosseguimento de estudos</li> <li>▪ Podem ser criados estabelecimentos especializados destinados ao ensino e prática de cursos de natureza técnica e tecnológica ou de índole artística.</li> </ul>
	<b>Ensino Superior</b>	O ensino superior compreende o ensino universitário e o ensino politécnico.
<b>Educação extraescolar</b>	Engloba atividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e atualização cultural e científica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional. Realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal.	

Esta lei contempla ainda, no Artigo 19º, uma modalidade especial de ensino: a formação profissional. Esta modalidade tem como objetivo complementar a preparação para a vida ativa obtida durante o período da escolaridade obrigatória, visando a integração no mundo do trabalho por meio da aquisição de conhecimentos e de competências profissionais, que responderiam às necessidades do país. Poderiam ingressar no ensino profissional:

- a) Os que tenham concluído a escolaridade obrigatória;
- b) Os que não concluíram a escolaridade obrigatória até à idade limite desta;
- c) Os trabalhadores que pretendam o aperfeiçoamento ou a reconversão profissional.

A formação profissional poderia desenvolver, como ainda acontece nos dias de hoje, diversos tipos de ações, que vão desde a Iniciação Profissional, passando pela Qualificação ou Aperfeiçoamento até à Reconversão Profissional.

Já nesta altura era estipulado que o funcionamento dos cursos e módulos podia ser realizado segundo formas como:

- a) Utilização de escolas de ensino básico e secundário;
- b) Protocolos com empresas e autarquias;
- c) Apoios a instituições e iniciativas estatais e não estatais;
- d) Dinamização de ações comunitárias e de serviços à comunidade;
- e) Criação de instituições específicas.

#### **1.5.2. Primeira alteração à LBSE, Lei n.º 115/97**

A primeira alteração à LBSE data de 1997.

A Lei n.º 115/97 (Anexo II) efetua a primeira alteração à LBSE no que respeita a quatro pontos: às condições acesso ao ensino superior; aos graus académicos conferidos, que passam a ser de bacharel, licenciado, mestre e doutor; à formação de professores; e às qualificações para outras funções educativas.

#### **1.5.3. Segunda alteração à LBSE, Lei n.º 49/2005**

A segunda alteração à LBSE data de 2005.

A Lei n.º 49/2005 (Anexo III) visa essencialmente alterações ao ensino superior que resultam da adequação do sistema de ensino ao Processo de Bolonha, dividindo-o em três ciclos de estudos: 1.º ciclo (licenciatura), 2.º ciclo (Mestrado) e 3.º ciclo (Doutor).



#### **1.5.4. Atualidade: a Lei n.º 85/2009**

A Lei n.º 85/2009 (Anexo IV) consagra a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade e estabelece o regime da escolaridade obrigatória para as crianças jovens que se encontram em idade escolar, entre os 6 e os 18 anos. Este regime poderá cessar em caso de obtenção de um diploma de nível secundário ou no momento do ano escolar em que o aluno perfaça 18 anos. A escolaridade obrigatória mantém-se gratuita.

## 2. O SISTEMA DE APRENDIZAGEM EM ALTERNÂNCIA

A formação em alternância para jovens em Portugal inicia-se com uma ação piloto na Casa Pia de Lisboa que remonta ao ano de 1980. Esta ação foi instituída através de um despacho conjunto entre os Ministérios da Educação e do Emprego e teria lugar em empresas públicas ou privadas dotadas de condições para ter o seu próprio centro de formação. Esta ação tinha como destinatários jovens com a escolaridade obrigatória (na altura o sexto ano), combinando a formação na escola e na empresa. Em 1984 é aprovada a Lei n.º 102/84, que cria o Sistema de Aprendizagem em Alternância. Esta lei define como principal objetivo a facilitação e integração profissional dos jovens, auxiliando a transição entre meio escolar e o meio profissional. Os cursos de aprendizagem encontram-se legislados e regulamentados atualmente pela Portaria n.º 1497/2008, de 19 de Dezembro, pelos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação (anexo V).

O Sistema Nacional de Qualificações tem como objetivos “promover a generalização do nível secundário como qualificação mínima da população e garantir que os cursos profissionalizantes de jovens confirmem dupla certificação, escolar e profissional, contribuindo para a resolução do abandono precoce do sistema de ensino” (Portaria n.º 1497/2008).

Uma das modalidades de formação de dupla certificação são os “cursos de aprendizagem”, que concedem o nível 3 de formação profissional e uma habilitação escolar de nível secundário. Estes cursos desenvolvem-se tanto nos centros de formação profissional do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) como noutras entidades formadoras, públicas e privadas, certificadas. Dado que esta modalidade beneficia de financiamento público, carece de autorização administrativa para o seu funcionamento.

## 2.1. Princípios orientadores dos Cursos de Aprendizagem em Alternância

A alternância é entendida como uma sucessão de contextos de formação, articulados entre si, que promovem a realização das aprendizagens com vista à aquisição das competências que integram um determinado perfil de saída. O sistema de “aprendizagem em alternância” rege-se atualmente pela Portaria n.º 1497/2008. Este articulado preconiza que os cursos de aprendizagem são uma das modalidades de formação de dupla certificação que conferem, simultaneamente, o nível 3 de formação profissional e uma habilitação escolar de nível secundário. Os cursos de aprendizagem obedecem aos referenciais de competências e de formação associados às respetivas qualificações constantes no Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ) e são agrupados por áreas de educação e formação, de acordo com a Classificação Nacional de Áreas de Educação e Formação.

Segundo informação recolhida no sítio da Internet do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP)<sup>1</sup>, os Cursos de Aprendizagem regem-se pelos seguintes princípios orientadores:

- Intervenção junto dos jovens em transição para a vida ativa e dos que já integram o mercado de trabalho sem o nível secundário de formação escolar e profissional, com vista à melhoria dos níveis de empregabilidade e de inclusão social e profissional;
- Organização em componentes de formação – sociocultural, científica, tecnológica e prática – que visam as várias dimensões do saber, integradas em estruturas curriculares predominantemente profissionalizantes adequadas ao nível de qualificação e às diversas saídas profissionais;
- Reconhecimento do potencial formativo da situação de trabalho, através de uma maior valorização da intervenção e do contributo formativo das empresas, assumindo-as como verdadeiros espaços de formação, geradores de progressão das aprendizagens.

---

<sup>1</sup><http://www.iefp.pt/formacao/ModalidadesFormacao/CursosAprendizagem/Paginas/CursosAprendizagem.aspx> , 03/06/2012

### 2.1.1. Destinatários, tipologia de cursos e certificação escolar e profissional

Os Cursos de Aprendizagem destinam-se a jovens com idade inferior a 25 anos com o 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) (ou equivalente), ou habilitação superior ao 3.º CEB (ou equivalente), sem conclusão do ensino secundário (ou equivalente). A sua duração encontra-se entre as 2800 e as 3700 horas e permite a equivalência escolar ao ensino secundário (12.º ano), correspondendo a uma certificação profissional de nível 3.

### 2.1.2. Componentes de formação

Os cursos de aprendizagem dividem-se em quatro componentes de formação: a formação de base, que engloba a formação sociocultural e a formação científica; a formação tecnológica; e a formação prática em contexto de trabalho. A informação relativa aos objetivos de cada uma destas componentes foi recolhida no sítio do IEPF e encontra-se sintetizada no Quadro 2.

**Quadro 2 – Componentes de formação dos cursos de aprendizagem**

COMPONENTES	OBJETIVOS
<b>Formação Sociocultural</b>	Componente com carácter transdisciplinar e transversal, que visa a aquisição ou reforço de competências académicas, pessoais, sociais e profissionais, tendo em vista a inserção na vida ativa e a adaptabilidade aos diferentes contextos de trabalho. Visa potenciar o desenvolvimento dos cidadãos, no espaço nacional e comunitário, proporcionando condições para o aprofundamento das capacidades de autonomia, iniciativa, auto-aprendizagem, trabalho em equipa, recolha e tratamento da informação e resolução de problemas.
<b>Formação Científica</b>	Componente que visa a aquisição de competências nos domínios de natureza científica que fundamentam as tecnologias, numa lógica transdisciplinar e transversal, no que se refere às aprendizagens necessárias ao exercício de uma determinada profissão.
<b>Formação Tecnológica</b>	Componente que visa, de forma integrada com as restantes componentes de formação, dotar os formandos de competências tecnológicas que lhes permitam o desenvolvimento de atividades práticas e de resolução de problemas inerentes ao exercício de uma determinada profissão.
<b>Formação Prática em Contexto de Trabalho</b>	Componente que visa desenvolver novas competências e consolidar as adquiridas em contexto de formação, através da realização de atividades inerentes ao exercício profissional, bem como facilitar a futura inserção profissional.

## **2.2. A Prova de avaliação final**

A Prova de Avaliação Final (PAF) trata-se de uma prova que assenta no desempenho profissional dos formandos e baseia-se na execução, perante um júri, de um ou mais trabalhos práticos no âmbito do curso de formação que estes frequentaram. A prova tem uma duração que varia entre as doze e as dezoito horas. O júri, nomeado pela entidade formadora, é composto pelo responsável pedagógico, que preside, por um formador de cada componente (Sociocultural, Científica e Tecnológica) e por um tutor (Prática em Contexto de Trabalho).

## **2.3. A engrenagem do ensino em regime de Alternância**

Os cursos de aprendizagem em alternância são cursos que pretendem promover a formação inicial dos jovens com vista a aumentar a sua empregabilidade atendendo às necessidades do mercado de trabalho possibilitando a sua progressão, quer escolar, quer profissional. Nesse regime de formação, assume particular relevância o papel das empresas como parceiras de formação. De acordo com Cabrito (1994, p.14),

a formação profissional tem de ser concebida como um processo que garanta, simultaneamente, a satisfação das necessidades da economia e o respeito pelas necessidades e interesses dos jovens em formação, o que passa pela eleição de capacidades a desenvolver que ultrapassa as que se relacionam, apenas, com saberes e saberes-fazer para ter em conta as que dizem respeito aos domínios do saber-ser e do saber-estar. Em consequência, a formação profissional deve preparar os jovens para o trabalho sem perder de vista a finalidade última e primeira do acto educativo: o desenvolvimento integral do indivíduo.

Por conseguinte, tais saberes poderão apenas materializar-se quando se proporcionam aos jovens dois espaços de aprendizagem que se complementam: o centro de formação e as empresas. Está-se assim perante uma formação integradora dado que permite a aplicação das aprendizagens efetuadas nos centros de formação num contexto de trabalho real, aproximando a

aprendizagem escolar do real e dotando as vivências na empresa de um carácter pedagógico. A Figura 1 ilustra a dependência/necessidade da existência de ambos os contextos.



Figura 1 – Ilustração da Formação em Alternância

A formação em alternância, é assim como uma engrenagem na qual todos dão o seu contributo e caso alguma das rodas dentadas quebre, independentemente de se tratar da maior ou da menor peça, ou seja, independentemente da valorização que se pode atribuir a cada elemento, o produto final sofrerá perda de atributos e/ou qualidades.

Pode-se afirmar que cada um destes espaços formativos, que atuam em cooperação, possui competências específicas. Segundo a LBSE, é função da escola proporcionar conhecimentos culturais, técnicos e científicos necessários à realização de tarefas complexas que se aplicam a diferentes situações, a potenciar a troca de opiniões, fomentar a capacidade de comunicação, cooperação, organização, planificação, iniciativa e a responsabilidade inerentes à profissão a desempenhar bem como o desenvolvimento pessoal e social dos jovens como cidadãos. Por outro lado, compete à empresa proporcionar aos formandos situações para a aplicação dos conhecimentos adquiridos na escola/centro de formação em diversos níveis de dificuldade e promovendo a sua autonomia.

Por meio desta alternância entre os dois espaços formativos pretende-se que os jovens adquiram as competências necessárias para se tornarem profissionais competentes.

Cabrito (1994, p. 43) apresenta quatro domínios e respetivas competências/capacidades num processo de formação profissional: os saberes, os saberes-fazer, o saber-ser e o saber-estar. As competências/capacidades relativas a cada um dos domínios encontram-se sintetizadas no Quadro 3.

**Quadro 3 – Competências/capacidades previstas em cada domínio**

<b>Domínios</b>	<b>Competências/capacidades</b>
<b>Saberes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquisição do conjunto de conhecimentos necessários ao exercício de uma profissão (gerais, científicos e técnicos)</li> <li>• Conhecimento das diferentes fases do processo de trabalho, das tarefas inerentes a cada fase e das responsabilidades inerentes ao desempenho da profissão</li> </ul>
<b>Saberes-fazer</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação e resolução de problemas a partir de diferentes alternativas</li> <li>• Aplicação de conhecimentos e experiências em novos contextos e situações</li> <li>• Organização, gestão e planificação de tarefas</li> <li>• Utilização de todos os instrumentos de trabalho</li> <li>• Análise e organização da informação e da documentação</li> </ul>
<b>Saber-ser</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidades de organização pessoal e do trabalho</li> <li>• Capacidades de adaptação à mudança, de agir com responsabilidade, de decisão responsável e autónoma e de aprender a aprender</li> </ul>
<b>Saber-estar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidades de iniciativa, de comunicação, de relacionamento interpessoal, de trabalho em equipa, de cooperação, de respeito pelas normas e valores dos outros grupos.</li> </ul>

### 3. A SUPERVISÃO

O conceito de supervisão foi inicialmente associado a controlo para a eficiência. Neste contexto, o supervisor era responsável pela verificação dos processos numa lógica taylorista. Já no contexto educativo, este era dotado de um poder orientador e controlador e seria responsável pelo funcionamento da escola em várias das suas vertentes: financeira, administrativa, cultural. Atualmente, a supervisão possui outros contornos, que assentam num trabalho reflexivo e de construção de todos os membros da escola que vão desde os professores, à direção e aos alunos. A supervisão é assim um processo que se desenvolve no contexto escolar e neste caso em particular, no contexto formativo.

Vieira (2010) utiliza uma metáfora para falar de supervisão – o caleidoscópio – atendendo a que ao girar um caleidoscópio se obtêm uma série de imagens que se constroem e se metamorfoseiam, o que também acontece com a supervisão, pois cada pessoa tem em si os seus ideais, valorizações e interpretações distintas da realidade com que se depara.

Já Glickman, citado por Vieira, (2010, p. 8), fala de “SuperVisão” encarando-a como um conceito acerca do que o ensino deveria ser, uma colaboração entre professores, supervisores, enfim, todos os membros do meio escolar, que trabalham em prol dos alunos de forma democrática dotando-os de ferramentas capazes de os tornar membros capazes da sociedade e verdadeiros cidadãos.

Supervision, a term that denotes a common vision of what teaching and learning can and should be, developed collaboratively by formally designated supervisors, teachers, and other members of school community. The word also implies that these same persons will work together to make their vision a reality – to build a democratic community of learning based on moral and principles calling for all students, to be educated in a manner enabling them to lead fulfilling lives and be contributing members of a democratic society. (Vieira, 2010, p. 8)

Vieira (2010, p. 9) define supervisão como “teoria e prática de regulação de processos de ensino e de aprendizagem”, considerando-a como as ideias que defendemos. Sintetiza a leitura desta definição num quadro, que a seguir se apresenta (Quadro 4).



**Quadro 4 - Síntese da definição de supervisão (Vieira, 2010, p. 10)**

TEORIA E PRÁTICA	REGULAÇÃO	PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interseção dos contatos pessoal, público e partilhado do conhecimento teórico e prático</li> <li>• Construção pessoal e social do conhecimento teórico prático</li> <li>• Orientação transformadora e emancipatória da formação e da pedagogia escolar</li> <li>• Valores de uma sociedade democrática: liberdade e responsabilidade social.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indagação crítica</li> <li>• Intervenção crítica</li> <li>• Democraticidade</li> <li>• Participação</li> <li>• Dialogicidade</li> <li>• Emancipação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aluno: Consumidor crítico e produtivo do saber</li> <li>• Professor: facilitador da relação aluno-saber-processo de aprender</li> <li>• Saber: construção dinâmica, transitória e diferenciada</li> <li>• Focalização no processo de aprender: reflexão, experimentação, regulação, negociação</li> <li>• Autonomização progressiva do aluno/cidadão</li> <li>• Posição crítica face à pedagogia, à escola, à sociedade</li> </ul>

A supervisão é assim um processo contínuo de monitorização, de recolha de informações, de partilha de experiências e trocas de ideias com o objetivo de, em conjunto, melhorar a atividade que se desempenha. Neste sentido, Sá Chaves (1999, 9. 14-15)) afirma:

Obviamente que todos os procedimentos de monitorização desse sistema pressupõem uma continuada e sistemática recolha de informações que possa constituir-se como acessória informacional facilitadora das inevitáveis tomadas de decisão e dos processos que as hão-de legitimar. Os exercícios, ora de aproximação, ora de distanciamento requerem partilha de saberes e complementaridade de competências, requerem capacidade para as avaliar, para dirigir, orientar, para aconselhar e para conceptualizar e implementar hipóteses de solução para os problemas que, colectivamente, se enfrentam.

A sociedade atual vive numa constante transformação dada a sua complexidade tecnológica, partilha de informação e à sua dinâmica, sendo cada vez mais exigente e por esse motivo, impõe uma maior e melhor qualificação de todos os indivíduos para que estes sejam dotados de ferramentas que lhes permitam enfrentar os desafios.

Podem ser considerados dois tipos de supervisão: prescritiva e colaborativa. Num tipo de supervisão prescritiva o supervisor é visto como autoridade, será quem comanda, enquanto que, num tipo de supervisão colaborativa, o supervisor é entendido como recetivo e como guia, tratando-se de uma figura que, tendo mais experiência, orienta quem aprende. Assim, conforme artigo publicado na revista EDUSER (2010) e segundo a autora Maio, o supervisor deve ser dotado de diversas competências que se sintetizam no Quadro 5.

**Quadro 5 – Competências do supervisor (Maio, 2010, p 4)**

<b>Competências interpretativas</b>	Capacidade de apreender o real, nas suas diferentes vertentes sociais, culturais, humanas, políticas e educativas
<b>Competências de análise e avaliação</b>	Análise e avaliação de acontecimentos, projetos atividades e desempenhos
<b>Competências de dinamização da formação</b>	Conhecer aprofundadamente as carências formativas da organização e fomentar ações de formação na base da aprendizagem colaborativa
<b>Competências relacionais</b>	Boa capacidade de comunicação com os outros e gestão eficaz de conflitos

No âmbito da formação em torno do sector da construção civil, entende-se que seja necessário que o supervisor, que veste a pele de tutor, encare ambas as formas pois as funções em obra encontram-se bem definidas e hierarquizadas e ao mesmo tempo deve auxiliar cada formando na busca do conhecimento necessário para que se torne um bom profissional.

# Capítulo II

## A Proposta de Estágio e a Metodologia Utilizada



## **CAPÍTULO II – A PROPOSTA DE ESTÁGIO E A METODOLOGIA UTILIZADA**

No presente capítulo procede-se ao enquadramento metodológico do estágio desenvolvido. Inicia-se o capítulo com alusão às necessidades sentidas pelo departamento pedagógico e aos objetivos da investigação.

Seguidamente apresenta-se a proposta de estágio e a metodologia seguida, bem como o cronograma da sua realização. Tratando-se a investigação de um estudo de caso que se reporta à supervisão do estágio profissional de uma turma de um curso de aprendizagem, esta reveste-se de carácter tanto qualitativo como quantitativo. São utilizadas medidas quantitativas ao caracterizar e tipificar os formandos que frequentam os cursos de aprendizagem do CICCOPN por meio de questionário, nomeadamente a nossa turma, e são utilizadas metodologias qualitativas no que se refere ao acompanhamento dos estágios. Neste capítulo tecem-se também alguns comentários em torno dos instrumentos de recolha de dados utilizados na investigação: questionário, notas de campo, pesquisa documental e entrevista.

### **1. NECESSIDADES/INTERESSES**

O Departamento Pedagógico depara-se diariamente com um vasto leque de problemas relacionados com os formandos, o que impede de, por vezes, responder atempadamente a todos eles, nomeadamente quando estes se encontram nos locais de estágio, ou seja, nas empresas que os recebem. Por outro lado, é conveniente tomar conhecimento da preparação que os estagiários recebem da formação que têm nas instalações, isto é, se esta lhes permite adquirir as competências necessárias para a profissão que irão desempenhar e se existem alguns aspetos a melhorar.

## 2. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Com a realização deste Estágio pretende-se desenvolver os seguintes objetivos:

- Apoiar os formandos que se encontram deslocados do centro de formação;
- Averiguar junto dos formandos e dos respetivos tutores, se a formação que obtiveram ao longo do curso lhes permite desempenhar as tarefas pelas quais assumem a responsabilidade num processo de Condução de Obra, com qualidade e segurança;
- Perceber se a faixa etária com que iniciam os estágios lhes permite uma aprendizagem sustentada;
- Saber se os formandos pretendem complementar a sua formação;
- Compilar informação significativa no sentido de contribuir para a melhoria dos processos de formação.

## 3. METODOLOGIA E CRONOGRAMA

A investigação desenvolvida neste trabalho tem por base o acompanhamento/supervisão de estágio de uma turma de Condução de Obra da modalidade de Aprendizagem do CICCOPN, tratando-se assim, de um estudo de caso.

Para Merriam (1988), citado por Bogdan (1994, p.89), “um estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Este tipo de investigação inicia-se com a recolha e organização de dados de uma determinada organização e com a tomada de decisões acerca da possibilidade dos estudos que se poderão desenvolver a partir destes. Neste momento escolhem-se os itens a aprofundar e os sujeitos a entrevistar, delimitando-se as zonas trabalho a desenvolver. Segundo Bogdan (1994, p. 90), são três os sectores das organizações que desenvolvem este tipo de investigação, podendo ser combinados entre si:

- Um local específico dentro da organização
- Um grupo específico de pessoas
- Uma qualquer atividade da organização

O cronograma referente ao plano de atividades da investigação desenvolvido, a metodologia utilizada e objetivos a atingir encontram-se expostos no Quadro 6. O cronograma apresentado encontra-se dividido em três blocos, cuja metodologia de desenvolvimento agora se apresenta:

### **Bloco I**

Aa investigação efetuada teve por base a pesquisa documental, as notas de campo, um questionário aos formandos e entrevistas semiestruturadas, todas com a respetiva autorização.

A pesquisa documental teve por base as informações que constam no sítio do IEPF e do CICCOPN bem como os documentos “Relatório de Atividade de 2010” e “Planeamento de Atividade de 2012”.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada ao coordenador da ação (Anexo VI) com a finalidade de conhecer de forma aprofundada o funcionamento dos estágios, assim como detalhar o conhecimento sobre o público-alvo. Morgan (1988), citado por Bogdan (1994, p134) refere que uma entrevista “consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra”. Numa investigação, as entrevistas podem ser utilizadas como estratégia privilegiada de recolha de dados ou então podem ser utilizadas em conjuntos com outras técnicas como a pesquisa documental ou a observação.

A entrevista é assim utilizada como forma de “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan, 1994, p. 134). Trata-se de

obter informações acerca do sujeito pelas suas próprias palavras, explorando os tópicos mais importantes, permitindo assim a sua participação na construção do processo formativo.

**Quadro 6 – Cronograma, metodologia e objetivos**

	MÊS	PARTICIPANTES	METODOLOGIA	OBJECTIVO
BLOCO I	Setembro, Outubro	✓ Investigadora	✓ Pesquisa documental (documentação existente sobre e na instituição, sobre o curso e os estágios) ✓ Sítios institucionais ✓ Livros selecionados	✓ Aprofundar o conhecimento acerca do centro de formação ✓ Conhecer o funcionamento dos estágios
		✓ Investigadora, coordenador e departamento pedagógico	✓ Entrevista semi-estruturada (notas) ✓ Documentação (capa do curso)	✓ Caracterização da turma ✓ Conhecer o funcionamento dos estágios
		✓ Investigadora e formandos	✓ Questionário de caracterização da turma	✓ Caracterização da turma
BLOCO II	Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março	✓ Investigadora	✓ Pesquisa documental/sites de internet	✓ Conhecer as empresas onde os formandos estagiam
		✓ Investigadora, formandos e tutores: visita aos locais de estágio	✓ Observação em contexto de estágio ✓ Entrevista e notas de campo	✓ Conhecer as atividades desempenhadas durante o estágio (novas aprendizagens, problemas, contratempos, e ou dificuldades, lacunas, pontos fortes e pontos fracos, aspetos a melhorar ✓ Perceber se os formandos possuem formação suficiente para garantir um bom desempenho profissional
		✓ Investigadora, formandos e tutores: visita fora dos locais de estágio ✓ Visita ao estagiário que realizou o estágio em Lyon	✓ Entrevista e notas	✓ Conhecer as atividades desempenhadas durante o estágio, novas aprendizagens, problemas, contratempos, e ou dificuldades, lacunas, pontos fortes e pontos, aspetos a melhorar ✓ Perceber se os formandos possuem formação suficiente para garantir um bom desempenho profissional
		✓ Investigadora, Orientador e Tutora	✓ Visita do orientador ao CICCOPN	✓ Troca de ideias e esclarecimento de dúvidas sobre o estágio profissional da investigadora e esclarecimento de dúvidas para a elaboração do relatório
BLOCO III	Abril, Maio e Junho	✓ Investigadora	✓ Organização dos materiais recolhidos por formado/empresa ✓ Leitura, seleção e análise dos materiais e recolhidos nos meses anteriores	✓ Organização dos materiais recolhidos ✓ Elaboração do relatório de estágio (processo de escrita) ✓ Apresentação da investigação ao departamento pedagógico



Neste caso em particular, o coordenador é alguém com quem trabalho diariamente. Assim, a entrevista/reunião passa por uma conversa em busca de algumas informações diretas. A síntese de informação foi efetuada por notas durante o seu decorrer.

Junto do coordenador foi possibilitado o acesso à pasta do curso a fim de recolher mais algumas informações que eventualmente se poderiam considerar pertinentes para compilar/completar o conhecimento sobre os formandos.

Numa sessão prévia à entrada dos formandos no estágio foi realizado um questionário (Anexo VII) com o objetivo deste possibilitar um conhecimento geral da turma. Neste questionário foram considerados os seguintes fatores: a idade, as habilitações de entrada no curso, número de repetições antes de iniciar o curso, a distância entre o centro de formação e a residência, as habilitações académicas dos pais, as profissões dos pais, os motivos que levaram à escolha do curso e a experiência profissional.

## **Bloco II**

Durante estes cinco meses o plano passou pela visita a efetuar ao local de estágio de cada um dos formandos. Durante estas visitas recolheram-se as informações na forma de notas de campo, ou seja,

o relato escrito daquilo que o observador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados do estudo qualitativo... As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projecto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados". (Bogdan, 1994, pp. 150-51)

Durante as visitas aos locais de estágio foram tomadas notas acerca das observações realizadas e das informações recolhidas junto dos formandos e dos tutores acerca das atividades desempenhadas, novas aprendizagens, problemas, contratempos e dificuldades, entre outros. De referir que, em alguns casos, esta visita não foi possível realizar no local de estágio, tendo as entrevistas sido conduzidas noutros locais, como se irá abordar mais à frente.

Existem dois tipos de materiais em notas de campo: descritivos e reflexivos. Com materiais descritivos a preocupação é “captar uma imagem por palavras do local, pessoas, acções e conversas observadas...o objectivo é captar uma fatia da vida” (Bogdan, 1994, p. 152). As descrições devem ser o mais ricas possível e devem também ser citadas as pessoas em lugar de resumir os seus discursos. Os aspetos descritivos existentes nas notas de campo englobam os seguintes aspetos:

- Relatos dos sujeitos
- Reconstruções do diálogo
- Descrição do espaço físico
- Relatos de acontecimentos particulares
- Descrição de atividades
- Comportamento do observador

A parte reflexiva diz respeito “à parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações”, (Bogdan, 1994, p. 165) como por exemplo o seu ponto de vista, os seus conflitos, sentimentos, ideias ou dilemas.

As entrevistas realizadas nos locais de estágio e nos locais alternativos foram gravadas de forma a recolher o maior número de dados possíveis. De salientar que existem casos em que as entrevistas são feitas no mesmo local aos tutores e aos formandos e outros casos em que estas foram realizadas separadamente, dado que alguns dos formandos estão bastante afastados, em obra, e os tutores se encontram nas sedes das empresas. Salienta-se ainda que existem casos em que as entrevistas foram conduzidas particularmente e outros que contaram com a presença tanto do tutor como do formando.

A entrevista realizada ao formando que realizou o estágio em Lyon foi efetuada na sua residência, durante as férias de Natal, por este se encontrar em Portugal nessa altura. Não foi possível entrar em contato com o seu tutor.

Não foi possível entrevistar um formando e respetivo tutor, não sendo portanto efetuado nenhum acompanhamento a este, no entanto, os seus dados estão presentes na caracterização da turma.

### **Bloco III**

Durante este bloco foi realizada uma visita ao CICCOPN pelo orientador da faculdade, o que permitiu uma troca de ideias e esclarecimento de dúvidas sobre o estágio profissional da investigadora e esclarecimento de dúvidas para a elaboração do relatório.

Os últimos dois meses foram dedicados à elaboração do relatório de estágio, após nova leitura, seleção e análise dos materiais recolhidos nos meses anteriores, bem como, à consulta de bibliografia de suporte, à apresentação dos dados obtidos ao departamento pedagógico e ao coordenador de ação.



# Capítulo III

## Enquadramento Contextual



## **CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL**

Neste capítulo faz-se referência ao sector da construção civil e à sua importância para o país, apresentando-se também o centro de formação onde se desenrolou a atividade de investigação – CICCOPN. Para tal foi realizada alguma pesquisa documental, consultando-se o “Relatório de Atividade de 2010” (CICCOPN, 2010), por nele constarem os dados relativos à turma alvo de supervisão, e o “Plano de Atividades de 2012” (CICCOPN, 2012), dado que houve uma alteração na área da construção civil atendendo à situação do país. Refere-se também a criação do centro de formação e os tipos de formação lá ministrados bem como a tipificação geral dos formandos dos cursos de aprendizagem que frequentam o centro.

### **1. O SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL E A INSTITUIÇÃO**

A caracterização do sector da construção civil e da instituição na qual se desenrolou o estágio no âmbito deste mestrado teve por base dados recolhidos no “Relatório da Atividade de 2010” (CICCOPN, 2010), e no “Plano de Atividades de 2012” (CICCOPN, 2012). Por sua vez, o referido relatório possui dados recolhidos numa tese de mestrado sobre o tema da Educação para a Saúde (Rodrigues, 2012), que se centrou nas turmas de aprendizagem existentes.

#### **1.1. Caracterização do Sector da Construção Civil**

Em Portugal, o sector da Construção Civil e Obras Públicas é de primordial importância para o emprego e para a economia do país. Em termos económicos, em 1996 representava 7% do PIB e entre 8% e 12% do emprego na década de 1990. Segundo a Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário (CPCI), em 2011, este sector representava “18,6% do PIB, 60,6% do investimento nacional, 15,8% do emprego, o que correspondia a cerca de 800.000 postos de trabalho e 20% do tecido empresarial português, isto é, 220.000 empresas” (CICCOPN, 2012, p. 5).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), este sector de atividade empregou, em média, entre 2000 e 2003, cerca de 596.050 trabalhadores por ano. A construção, apesar da sua diversidade, é genericamente considerada uma atividade de mão-de-obra intensiva, com baixos níveis de qualificação e baixos salários (CICCOPN, 2012, p. 7).

Neste sector, a abundância de situações clandestinas, tanto ao nível das empresas como, em grande escala, ao nível dos trabalhadores, favorece a precariedade das condições de trabalho. Muitos são "arrebanhados" pelos subempreiteiros, sem qualquer vínculo, para trabalharem "à hora" ou "a metro", à margem de todos os preceitos legais.

O Sector da Construção Civil e Obras Públicas caracteriza-se pela diversidade de obras (edifícios, estradas, pontes e viadutos, barragens, abastecimento de água, redes de esgotos, redes de gás, reabilitação, restauro, etc.), pelo nomadismo dos estaleiros, com a constante utilização de instalações provisórias, e pela grande percentagem de emprego eventual, com recrutamento informal de mão-de-obra nacional e estrangeira de rápida renovação e de trabalho distante do ambiente familiar, com constantes transferências de local.

Todas as estatísticas apontam para o fato de se estar perante uma população predominantemente caracterizada por baixos níveis de escolaridade e de qualificação. Este é aliás, um dos grandes entraves ao desenvolvimento do sector da construção.

A reabilitação urbana, a conservação e requalificação do edificado e dos espaços urbanos, bem como o novo impulso no mercado de arrendamento, constituem medidas prioritárias no sentido de inverter a recessão que este sector tem sentido nos últimos tempos. Desde 2010 que todos os indicadores representativos da construção analisados pela Federação Portuguesa da Indústria da Construção e Obras Públicas (FEPICOP) se degradaram, face ao clima conjuntural, tanto em termos de indicador de confiança, como de atividade e situação financeira das empresas.

A produção do sector decresceu, principalmente no que diz respeito às obras de engenharia civil, evoluindo o número de desempregados oriundos deste sector dado que as empresas se vêm na necessidade dispensar mão-de-obra, pela quebra do número de encomendas para as quais são solicitadas. Segundo dados do IEFP, estavam inscritos nos Centros de Emprego, em Outubro de 2010, cerca de 69.000 desempregados provenientes da



construção, o que representa cerca de 14% do número total de desempregados registados. A supressão de postos de trabalho neste sector afeta maioritariamente os trabalhadores indiferenciados e é por esse motivo que,

no sentido de adaptação à realidade que caracteriza o Sector, em períodos de recessão ou decrescimento económico que o CICCOPN tem adequado a actividade às constantes mutações, continuando a colocar no mercado, jovens e adultos qualificados, contribuindo assim para acelerar a recuperação dos índices de Emprego Certificado que a Construção exige. (CICCOPN, 2010, p. 9)

## 1.2. O CICCOPN

O CICCOPN foi criado 1981 através de um protocolo celebrado entre o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, atual IEFP e a Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICCOPN). Tem como principal missão a formação profissional para a valorização dos recursos humanos do sector da Construção Civil e Obras Públicas e tem como destinatários os profissionais ativos das empresas associadas da AICCOPN e todos os candidatos às profissões que se enquadram no âmbito deste sector. Dinamiza ações para jovens, ativos e desempregados, com o objetivo de promover a inserção no mercado de trabalho e a melhoria das competências e conhecimentos técnicos nas diversas áreas ligadas ao sector.

As instalações do centro são na Maia, num espaço com 85 800 m<sup>2</sup>, que possui diversas salas, bar, refeitório, alojamento, oficinas, sala de convívio, biblioteca, ringue desportivo e vários espaços verdes.

Proporciona aos ativos a oportunidade de acesso a ações de Formação Contínua que visam a adaptação, reciclagem, aperfeiçoamento e especialização profissionais, prosseguindo o desígnio da aprendizagem ao longo da vida e aos jovens a possibilidade de aprender uma profissão. A oferta formativa do CICCOPN visa minimizar as lacunas existentes no sector da Construção Civil e Obras Públicas em termos de formação, níveis de escolaridade e certificação, no sentido de superar os défices de qualificação.

Possui também, ações de dupla certificação, uma realidade cada vez mais premente no nosso país, que abre novas perspetivas para a certificação profissional acrescida da equivalência escolar.

O CICCOPN possui também um Centro Novas Oportunidades (CNO), procurado por centenas de adultos que procuram a Validação e Certificação das Competências adquiridas ao longo das diversas experiências de vida, ou seja, processos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. O centro é uma das entidades que efetua a avaliação de candidatos para a obtenção do Certificado de Aptidão Profissional (CAP) aos profissionais do sector com competências em profissões já certificadas.

No âmbito do Programa Operacional Potencial Humano (POPH), o CICCOPN proporciona formação em dois eixos: Eixo 1 (Qualificação Inicial) e no Eixo 2 (Adaptabilidade e Aprendizagem ao Longo da Vida). O CICCOPN oferece cursos de aprendizagem (12.º ano), Cursos de Educação e Formação (CEF) de jovens (9.º ano e pós 12.º ano), e cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) (9.º ano e 12.º ano), que podem funcionar em regime laboral ou pós-laboral, formação modular e formação contínua. A Tabela 2 regista o volume de formação existente no centro em dezembro de 2009, tendo estes dados sido recolhidos no “Relatório de Atividades de 2010” (CICCOPN, 2010).

**Tabela 2 - Volume de formação existente no centro, em dezembro de 2009.**

DEZEMBRO 2009				
ATIVIDADE FORMATIVA			EXECUTADO	
DUPLA CERTIFICAÇÃO	Aprendizagem	Formandos	543	
		Volume de Formação	358 141	
	Educação e Formação de Jovens	Formandos	172	
		Volume de Formação	59 285	
	Cursos Profissionais	Formandos	64	
		Volume de Formação	19 566	
	Educação e Formação de adultos	Formandos	232	
		Volume de Formação	74 403	
	Formação modular	Formandos	3 897	
		Volume de Formação	133 872	
	TOTAL		FORMANDOS	4 908
			VOLUME DE FORMAÇÃO	645 266
S / DUPLA CERTIFICAÇÃO	Formação Contínua	Formandos	127	
		Volume de Formação	36 313	
	Prestação de Serviços	Formandos	740	
		Volume de Formação	45 885	
	TOTAL	FORMANDOS	867	
		VOLUME DE FORMAÇÃO	82 198	
TOTAL GERAL		FORMANDOS	5 775	
		VOLUME DE FORMAÇÃO	727 464	

### 1.2.1. A qualificação Inicial de Jovens no CICCOPN

No *Eixo Prioritário 1* – “Qualificação Inicial de Jovens”, no qual se inscreve a turma alvo de supervisão, desenvolveram-se cursos de Aprendizagem, cursos de Educação e Formação de Jovens e Cursos Profissionais, em Parceria com a Escola Secundária do Castelo da Maia e com a Escola Básica/Secundária de Alvarelhos. O quadro a seguir representa os cursos ministrados, no âmbito do Eixo 1.

**Quadro 7 – Cursos ministrados no âmbito do Eixo 1**

	<b>TIPOLOGIA DE FORMAÇÃO</b>	<b>DESIGNAÇÃO DO CURSO</b>
<b>JOVENS</b>	<b>SISTEMA DE APRENDIZAGEM</b>	Segurança e Higiene do Trabalho
		Condução de Obra
		Desenho e Projeto da Construção Civil
		Desenho, Medição e Preparação de Obra 1
		Instalação de Sistemas Solares Térmicos - Painéis Solares
		Medição e Orçamentação da Obra 1
		Medição e Orçamentação da Obra 2
		Medições e Orçamentos
		Preparação e Execução da Obra 1
		Preparação e Execução da Obra 2
		Prevenção e Segurança Construção 1
		Prevenção e Segurança Construção 2
		Técnicas Administrativas
		Topografia
		Topografia 1
		Topografia 2
	<b>CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS</b>	Carpintaria Tipo 2
		Eletricidade de Instalações Tipo 2
	<b>CURSOS PROFISSIONAIS</b>	Desenho Assistido por Computador / Construção Civil (Escola Secundária EB2/3 de Alvarelhos)
		Técnico de Higiene e Segurança do Trabalho e Ambiente (Escola Secundária do Castelo da Maia)
		Técnico de Energias Renováveis – Variante Sistemas Solares (Escola Secundária do Castelo da Maia)

### 1.2.2. Os Cursos de Aprendizagem do CICCOPN

Os cursos de aprendizagem pressupõem a formação em três períodos, tendo cada um deles, na fase final, um período de formação prática em contexto de trabalho. Atendendo a que, no final do primeiro período de formação, os formandos ainda não adquiriram as competências necessárias ao exercício de uma atividade com competências suficientes neste sector, o CICCOPN optou por adiar o primeiro período de prática agregando-o ao último com o objetivo de proporcionar dos formandos um melhor desempenho profissional, desempenho este que também vá de encontro às expectativas das empresas.

Segundo informação disponibilizada pelo sítio da Internet do CICCOPN<sup>2</sup>, a realização desta Formação Prática em Contexto de Trabalho rege-se por algumas normas orientadoras:

- A Formação Prática decorre imediatamente após a conclusão do período de formação no Centro, salvo casos excecionais devidamente autorizados pela Direção do CICCOPN.
- Um dos critérios prioritários para a colocação de formandos nas entidades interessadas é a perspetiva de empregabilidade após a conclusão do período de Formação Prática.
- Para a colocação dos formandos são tidas em conta a avaliação final, a área de residência e as preferências geográficas manifestadas pelos próprios.
- O controlo da assiduidade durante a Formação Prática é efetuado mediante o envio de um documento específico (Ficha de Assiduidade/Avaliação) disponível uma semana antes do final de cada mês.
- Durante o período de Formação Prática, os formandos estão abrangidos por um Seguro de Acidentes Pessoais. Em caso de acidente, tal facto deve ser comunicado imediatamente ao CICCOPN pelo formando ou pela entidade que o acolhe.
- Os formandos são alvo de acompanhamento por parte do CICCOPN, pelo que as entidades devem dar-lhes a possibilidade de se deslocarem ao Centro um dia por mês,

---

<sup>2</sup> <http://www.ciccopn.pt/jovens/jovens.asp>. 25/07/2012

em data a combinar previamente, para participarem numa reunião com o Coordenador Técnico e/ou Pedagógico.

- Durante o período de Formação Prática em Contexto de Trabalho, o tutor na entidade deverá avaliar mensalmente o formando em termos dos parâmetros definidos em documento próprio: Ficha de Assiduidade/Avaliação.

Havia, então, seis possibilidades de formação nesta modalidade: “Topografia”, “Condução de Obra”, “Desenho e Projeto da Construção Civil”, “Técnicas Administrativas”, “Instalação de Sistemas Solares Térmicos/Painéis Solares” e “Segurança e Higiene no Trabalho”. A distribuição dos formandos por curso encontra-se representada no Gráfico n.º 1.

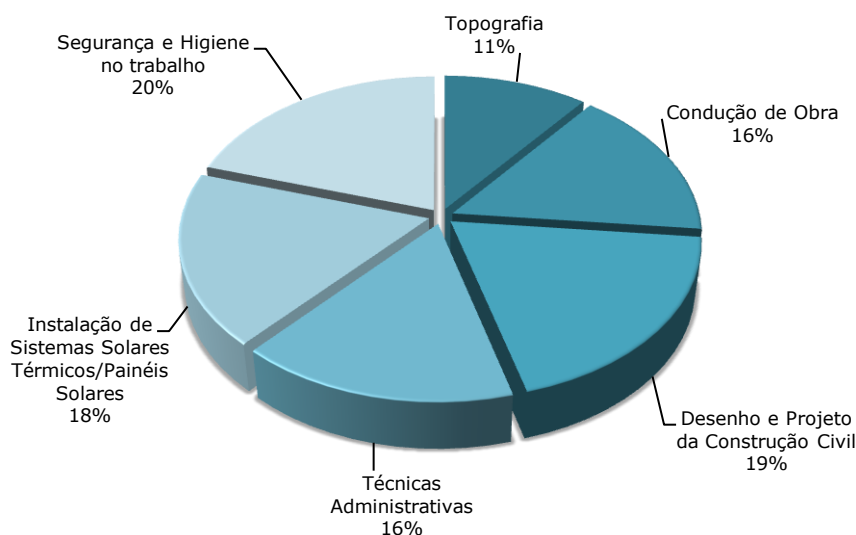


Gráfico n.º 1 - Distribuição dos formandos por curso.

### 1.2.3. Caracterização dos formandos dos Cursos de Aprendizagem do CICCOPN

De seguida apresenta-se uma breve caracterização dos formandos que iniciaram a formação na modalidade de Aprendizagem, no ano da nossa turma. A caracterização dos formandos inscritos nesta modalidade teve como base: sexo, idade, habilitações académicas do

pai e da mãe, a situação profissional do pai e da mãe e a proveniência dos candidatos e a residência durante em formação.

Dos 94 formandos que frequentavam esta modalidade, 23,4% eram do sexo feminino e 76,6% do sexo masculino, o que reflete a tendência dos profissionais do sector, e que pode ser observado no Gráfico n.º 2.

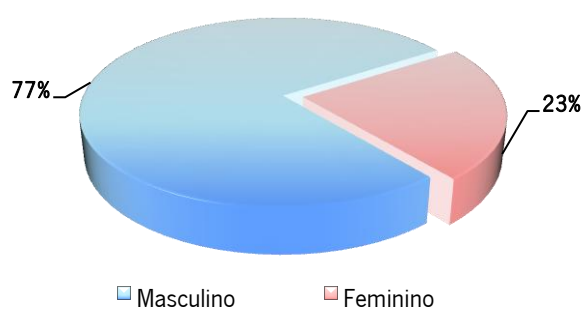


Gráfico n.º 2 - Distribuição dos formandos por género.

As suas idades compreendiam-se entre os 16 e os 26 anos e distribuíram-se conforme pode ser observado no Gráfico n.º 3.

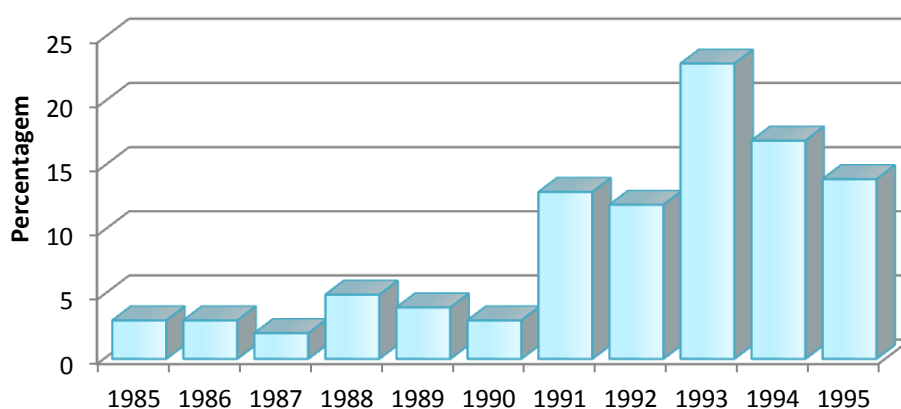


Gráfico n.º 3 - Distribuição dos formandos por ano de nascimento.

A maioria dos formandos, 24,5% tem 17 anos de idade, seguindo-se os formandos com 16 anos com 18,1% e os formandos com 15 anos que representam 14,9% da amostra. Refira-se ainda que a média das idades se encontra nos 18,75 anos de idade.

Dos 94 formandos, 58 repetiram em anos letivos anteriores, o que corresponde a aproximadamente 62% dos formandos, como denota o Gráfico n.º 4.

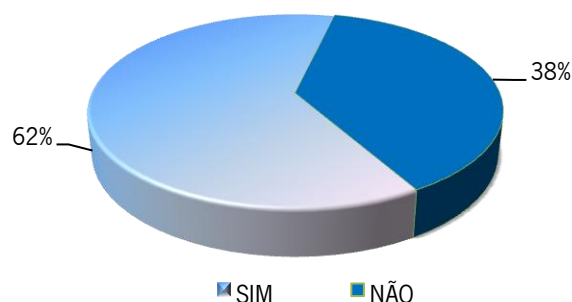


Gráfico n.º 4 - Reprovações dos formandos.

Dos alunos que reprovaram destacam-se 45,9% que reprovaram uma vez, 37,7% que reprovaram duas vezes, 16,4% que reprovaram três ou mais vezes. Atendendo à percentagem elevada do número de formandos que repetiu no ensino regular, os cursos de aprendizagem indiciam ser uma segunda oportunidade de formação para concluir o ensino secundário e obter uma profissão.

Os dados relativos à escolaridade dos pais encontram-se sintetizados no Gráfico n.º 5. Verifica-se que tanto os pais como as mães possuem, maioritariamente, o 4.º ano de escolaridade, que correspondem a 31.9% dos pais e 28.7% das mães.

Relativamente aos pais, segue-se o segundo e terceiros ciclos, ambos com 18,1% dos pais. No caso das mães, segue-se o terceiro ciclo com 23,4% dos casos e o segundo com 17%. Note-se que poucos são os pais ou mães com 12.º ano ou com algum grau do ensino superior. Verifica-se ainda a existência de uma pai e uma mãe que não sabem ler nem escrever.

O “Plano de Atividades de 2010” refere que “uma baixa escolaridade, por parte dos pais dos formandos, pode ajudar a concluir que destes poucos tiveram o apoio familiar, a nível dos estudos, podendo também acreditar que os pais incentivam os seus educandos a prosseguirem nos estudos e obterem uma profissão” (CICCOPN, 2010, p. 17).

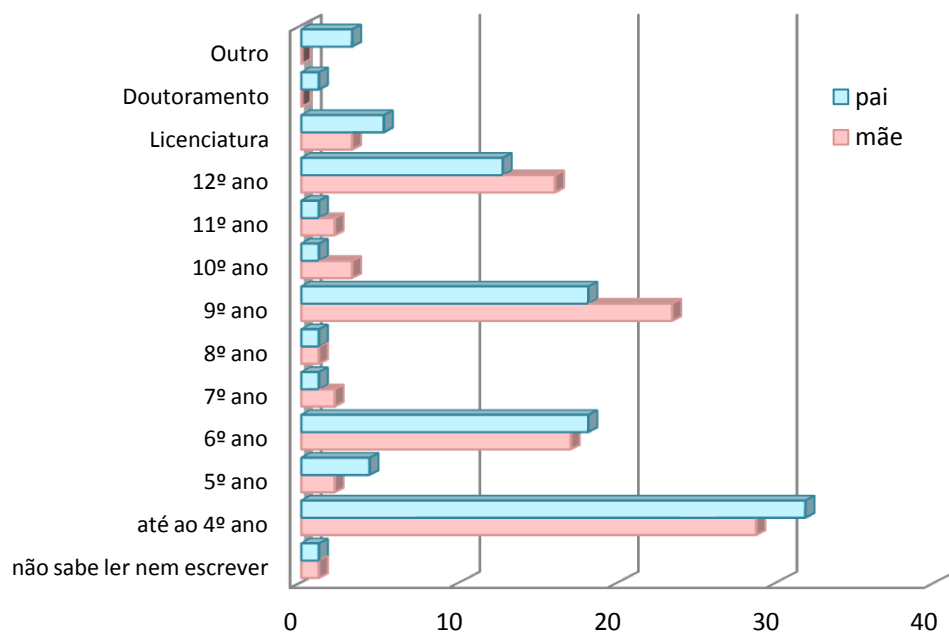


Gráfico n.º 5 – Escolaridade dos pais dos formandos.

As situações profissionais em que os pais e as mães se encontram foram divididas em cinco casos e podem ser observadas no Gráfico n.º 6.

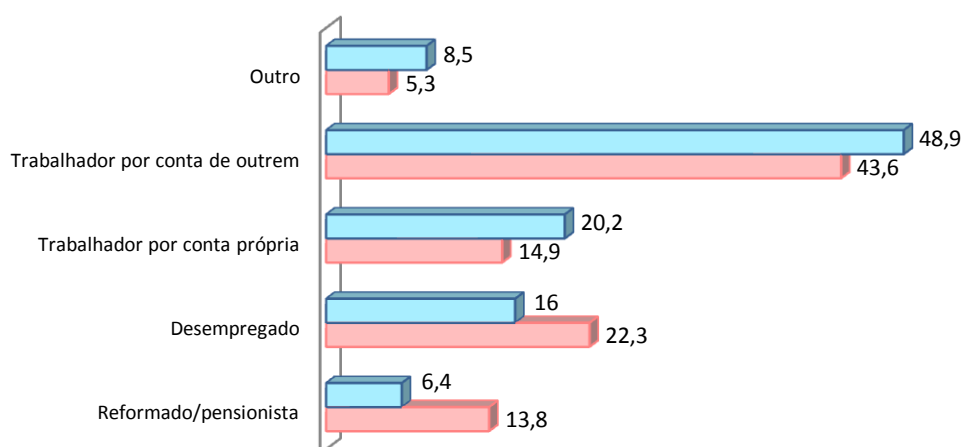


Gráfico n.º 6 – Situação profissional dos pais dos formandos.



Observa-se que 48,9% dos pais e 43,6% das mães trabalham por conta própria, encontrando-se em situação de desemprego 16% dos pais e 22,3% das mães. Verifica-se uma notável percentagem de trabalhadores por conta própria, o que poderá refletir um indicio de integração profissional dos formandos numa perspetiva de continuidade de negócios de família.

A próxima representação gráfica ilustra a proveniência deste grupo de formandos por distrito (Gráfico n.º 7).

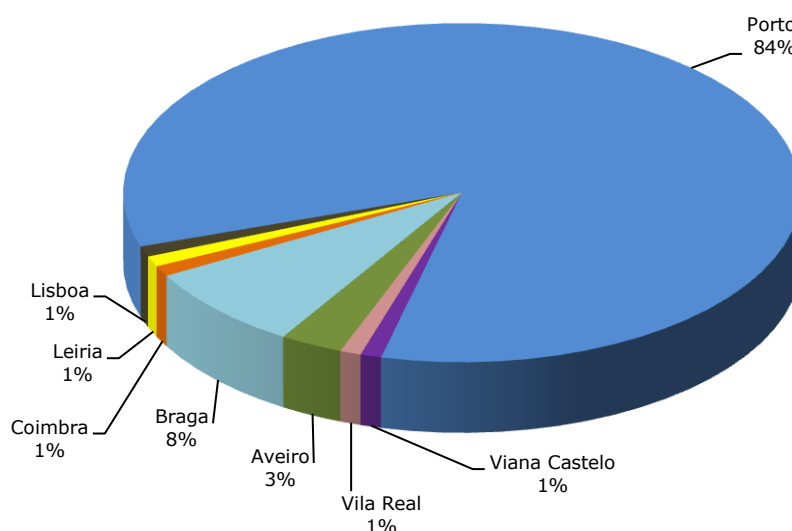


Gráfico n.º 7 – Distribuição dos formandos por Distrito

A maioria dos formandos é proveniente do distrito do Porto, que representa 84% do total, seguindo-se os distritos de Braga e Aveiro que representam, respetivamente, 8% e 3% dos formandos.

Dentro do distrito com maior representatividade, a maioria dos formandos é proveniente do concelho da Maia, local onde se encontra o centro de formação e que representa 31% dos formandos. A este concelho segue-se a Trofa, com 17% dos formandos, o Marco de Canaveses com 13% e Amarante com 9%. Estes dados encontram-se expressos no Gráfico n.º 8.

Atendendo à proveniência dos formandos não será de estranhar que muitos deles tenham a necessidade de residir próximo do centro de formação durante o período de aulas. Dos 94 formandos que frequentaram cursos de aprendizagem, alguns tiveram necessidade de residir próximo do centro. O Gráfico n.º 9 ilustra esta informação.

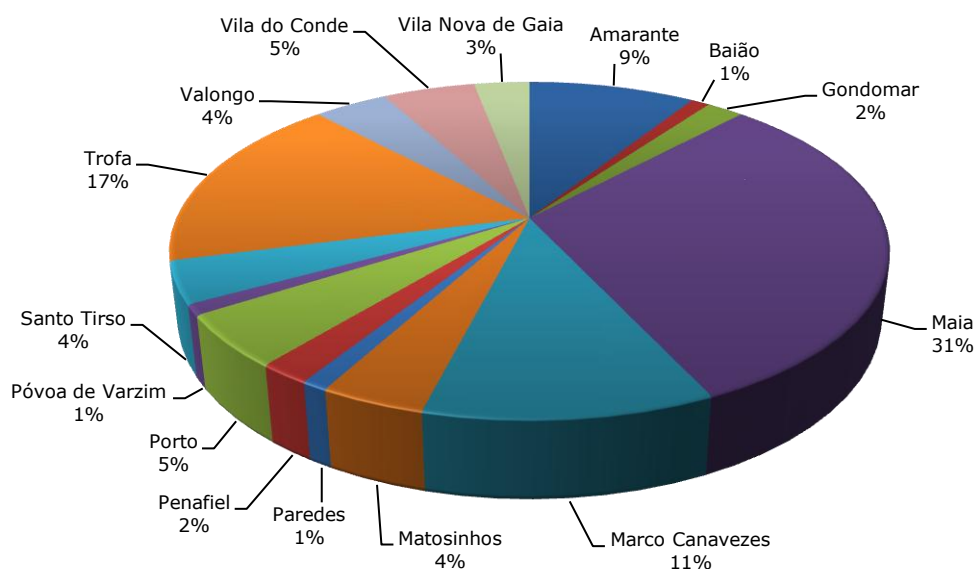


Gráfico n.º 8 – Distribuição dos formandos por Concelhos do Distrito do Porto.

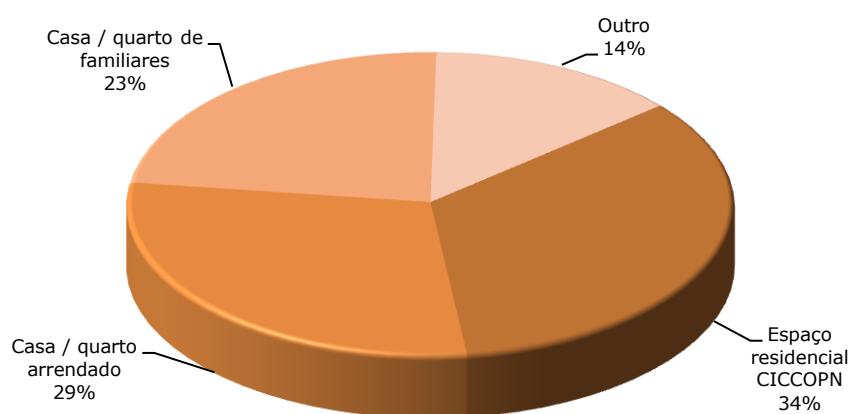


Gráfico n.º 9 – Residência do formando quando deslocado.

Do número total dos formandos deslocados da sua residência permanente, 34% foram alojados no espaço residencial do CICCOPN.

## **2. O CURSO DE CONDUÇÃO DE OBRA – MODALIDADE DE APRENDIZAGEM**

No Referencial de Formação do Curso de Condução de Obra (Anexo VIII), na modalidade de aprendizagem, encontra-se o enquadramento do curso na respetiva área de formação, o plano de estudos, a saída profissional, o nível de formação da União Europeia, orientações para o desenvolvimento da Componente Prática em contexto de trabalho e o perfil de saída desejado.

Este curso insere-se na área de formação da Construção Civil e Engenharia Civil, forma Técnicos de Obra/Condutores de Obra e atribui aos seus formandos uma equivalência ao nível 3 da União Europeia.

### **2.1.1. O Plano de estudos**

O plano do Curso de Condução de Obra é composto por 3250 horas distribuídas por módulos ao longo de três períodos de formação da seguinte forma: 775 horas em módulos da Componente Sociocultural, 400 horas em módulos da Componente Científica, 975 horas em módulos da Componente Tecnológica e 1100 horas atribuídas à Componente Prática em contexto de trabalho. A Tabela 3 sintetiza os módulos referidos.

### **2.2. A Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho Plano de Estudos**

Através Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho (estágios) pretende-se que os formandos adquiram e desenvolvam os conhecimentos e competências que lhes permitam um bom desempenho profissional quer em termos técnicos como relacionais. Através desta componente os formandos têm a oportunidade de experienciar técnicas reais, que vão além das simulações efetuadas durante a formação, como a aquisição de hábitos de

trabalho, o conhecimento de organizações e a sua realidade. Esta componente pode decorrer no final de cada período de formação em sala ou intercaladamente. No caso da turma investigada, realizaram-se dois estágios: um no final do segundo período de formação e outro no final do terceiro período.

**Tabela 3 - Distribuição, por módulos, das Componentes de Formação**

<b>Componente Sociocultural (775 horas)</b>	<b>Componente Científica (400 horas)</b>	<b>Componente Tecnológica (975 horas)</b>
<p><b>Viver em Português</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Portugal e a Europa</li> <li>- Os media hoje</li> <li>- Portugal e a sua História</li> <li>- Ler a imprensa escrita</li> <li>- A literatura do nosso tempo</li> <li>- Mudanças profissionais e mercado de trabalho</li> <li>- Diversidade linguística e cultural</li> <li>- Procurar emprego</li> </ul> <p><b>Comunicar em Língua Inglesa*</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler documentos informativos</li> <li>- Conhecer os problemas do mundo atual</li> <li>- Viajar na Europa</li> <li>- Escolher uma profissão, mudar de atividade</li> <li>- Debater os direitos e deveres dos cidadãos</li> <li>- Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais</li> </ul> <p><b>Mundo atual</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O homem e o ambiente</li> <li>- Publicidade: um discurso de sedução</li> <li>- Mundo atual – tema opcional</li> <li>- Uma nova ordem económica mundial</li> </ul> <p><b>Desenvolvimento social e pessoal</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Higiene e prevenção no trabalho</li> <li>- Promoção da saúde</li> <li>- Culturas, etnias e diversidades</li> </ul> <p><b>TIC</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Processador de texto</li> <li>- Internet - navegação</li> <li>- Folha de cálculo</li> <li>- Criação de páginas para a Web em hipertexto</li> </ul>	<p><b>Matemática e Realidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organização, análise da informação e probabilidades</li> <li>- Operações numéricas e estimação</li> <li>- Geometria e trigonometria</li> <li>- Padrões, funções e álgebra</li> <li>- Funções, limites e cálculo diferencial</li> </ul> <p><b>Física e Química</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Movimentos e forças</li> <li>- Sistemas termodinâmicos, elétricos e magnéticos</li> <li>- Movimentos ondulatórios</li> <li>- Física moderna - fundamentos</li> <li>- Reações químicas e equilíbrio dinâmico</li> <li>- Reações de ácido-base e de oxidação redução</li> <li>- Reações de precipitação e equilíbrio heterogéneo</li> <li>- Compostos orgânicos, polímeros, ligas metálicas e outros materiais</li> </ul>	<p><b>Tecnologias Específicas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenho técnico - normas e técnicas aplicadas</li> <li>- Projeto de arquitetura</li> <li>- Projeto de especialidades</li> <li>- Introdução ao CAD – construção civil</li> <li>- CAD – projeto de construção civil</li> <li>- Topografia - construção civil</li> <li>- Medições – iniciação</li> <li>- Medições – estaleiros, movimentação de terras, fundações, estruturas</li> <li>- Medições – estruturas, instalações, especiais, revestimentos</li> <li>- Orçamentos – autos de medição</li> <li>- Orçamentos – revisão de preços</li> <li>- Orçamentos – aplicações informáticas</li> <li>- Materiais de construção</li> <li>- Resistência de materiais</li> <li>- Processos construtivos 50</li> <li>- Betão armado e pré-esforçado 50</li> <li>- Instalações técnicas – eletricidade</li> <li>- Instalações técnicas – águas e esgotos 25</li> <li>- Instalações técnicas – gás -</li> <li>- Instalações técnicas – AVAC</li> <li>- Planeamento de obra</li> <li>- Controlo de qualidade</li> <li>- Ambiente, segurança, higiene e saúde no trabalho – construção civil</li> <li>- Organização e gestão da empresa</li> </ul>
<b>Componente Prática em Contexto de Trabalho – (1100 horas)</b>		

### 2.3. Perfil de Saída

Um Condutor de Obra intervém no planeamento, organização, orientação e controlo de trabalhos no âmbito da Construção Civil e Obras Públicas. A alternância de formação entre centro e empresa, pretende tornar os jovens capazes de:

- ✓ Executar uma estrutura simples de betão armado.
- ✓ Utilizar os métodos de implantação nas diferentes fases da obra.
- ✓ Orientar e controlar a construção da obra, segundo o plano de trabalhos estabelecido.
- ✓ Colaborar na implementação de um estaleiro de obra.
- ✓ Coordenar e supervisionar equipas e planos de trabalho.

## 3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Para a caracterização da turma foi elaborado um questionário (Anexo VII), no qual se consideraram os seguintes fatores: a idade, as habilitações de entrada no curso, número de repetições antes de iniciar o curso, a distância entre o centro de formação e a residência, as habilitações académicas dos pais, as profissões dos pais, os motivos que levaram à escolha do curso e a experiência profissional.

A turma de “Técnico de Condução de Obra” era inicialmente constituída por 18 formandos dos quais três abandonaram a formação logo na primeira semana e um no segundo ano, por motivos familiares. Assim, no terceiro ano, o grupo constitui-se por catorze formandos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 16 e os 22 anos e que se encontram distribuídas de acordo com o Gráfico n.º 10.

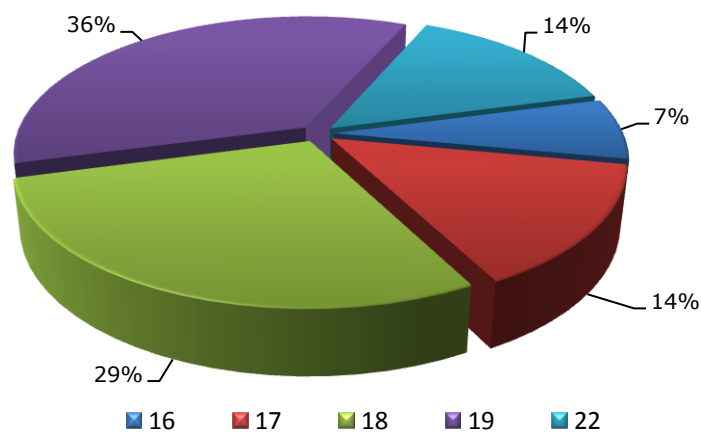


Gráfico n.º 10 – Idade dos formandos da Turma.

Pela análise do gráfico anterior constata-se que a maioria dos alunos tem 19 anos sendo que a média das idades se encontra nos 18,6 anos.

Com a segunda questão do questionário pretendia-se saber o nível escolar com que os formandos iniciaram esta formação. O Gráfico n.º 11 ilustra esta informação.

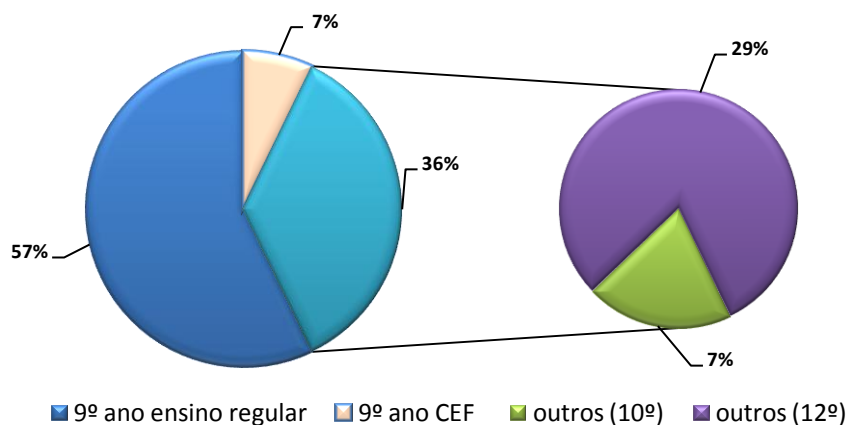


Gráfico n.º 11 – Nível escolar dos formandos quando iniciaram a formação.

A terceira questão pretende saber se os formados já tinham repetido de ano e se sim quantas vezes. A informação encontra-se sintetizada no Gráfico n.º 12.

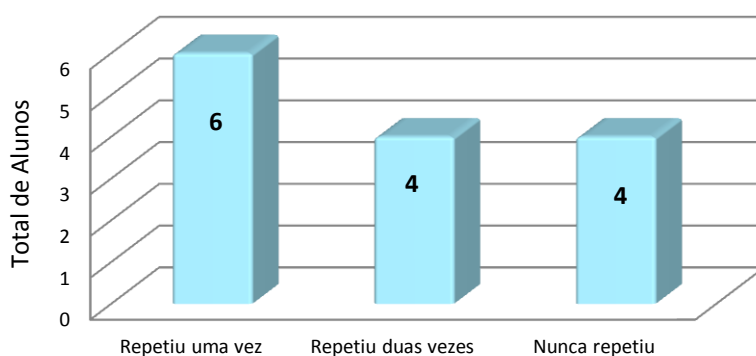


Gráfico n.º 12 – Número de repetições escolares antes do início da formação.

Apenas quatro dos alunos da turma nunca repetiram o ano e outros quatro repetiram duas vezes. De salientar ainda que quatro dos alunos que referiram ter reprovado uma vez se encontravam já no 12.º ano. Estes, não completaram a escolaridade por não terem conseguido aproveitamento na disciplina de matemática, apesar de terem permanecido mais um ano no 12.º ano.

Sabendo de antemão que uma parte significativa dos formandos do CICCOPN não reside perto do centro, a quarta questão colocada aos formandos foi no sentido de averiguar a sua situação relativamente a este assunto. Com os dados compilados concluiu-se que, em média, os formandos residem a 34 km do centro de formação e ainda que a maioria reside entre 20 a 40 quilómetros de distância. Apresentam-se os dados através do Gráfico n.º 13.

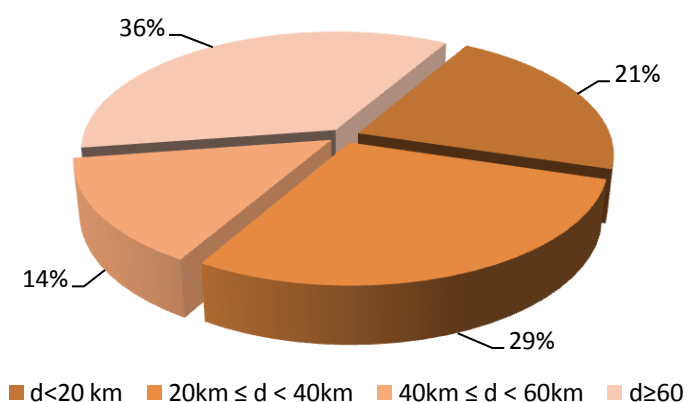


Gráfico n.º 13 – Distância entre a residência e o centro de formação.

Atendendo aos dados anteriores e de forma a complementá-los tentou-se perceber se algum dos formandos teve necessidade de residir próximo do centro para frequentar o curso. Esta informação encontra-se no Gráfico n.º 14.

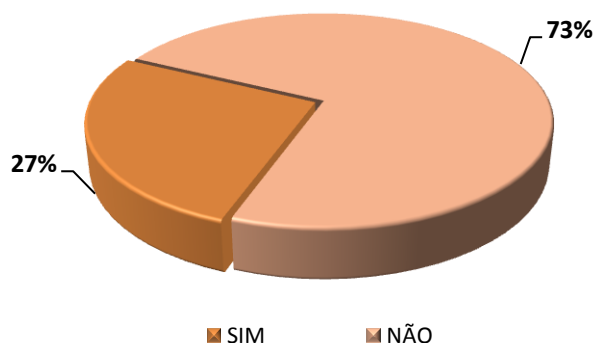


Gráfico n.º 14 – Necessidade de residir próximo do centro.

Sabe-se, assim, que 27% dos formandos da turma necessitaram de residir próximo do centro, o que corresponde a quatro formandos da turma. Destes, três partilharam apartamento e um teve a possibilidade de residir no alojamento do centro.

A sexta questão colocada aos formandos prendia-se com o agregado familiar, nomeadamente, com as profissões, situações profissionais e habilitações académicas dos pais. Os Quadros n.º 8 e n.º 9 compilam os dados obtidos.

Constata-se que os formandos são, na sua maioria, provenientes de agregados familiares que desempenham a sua atividade profissional na área da construção civil. Salienta-se neste ponto que há dois formandos em que ambos os pais trabalham na área da construção civil e que outros sete que têm o pai a trabalhar no ramo

No que se refere ao nível de escolaridade as diferenças entre mães e pais são bastante notórias como se pode observar no Gráfico n.º 15.



Quadro 8 – Agregado familiar: Mães

MÃE		
HABILITAÇÕES	PROFISSÃO	SITUAÇÃO PROFISSIONAL
3º C.E.B.	Doméstica	Desempregada
Licenciatura	Eng. Civil	Empregada
3º C.E.B.	Empregada fabril (metalurgia)	Empregada
3º C.E.B.	Empregada fabril (metalurgia)	Empregada
3º C.E.B.	Controladora de qualidade	Desempregada
1º C.E.B.	Doméstica	Desempregada
3º C.E.B.	Auxiliar de enfermaria	Empregada
3º C.E.B.	Administrativa	Desempregada
1º C.E.B.	Empregada fabril	Empregada
3º C.E.B.	Doméstica	Desempregada
2º C.E.B.	Empresária no ramo da C.C.	Empregada
1º C.E.B.	Auxiliar de ação médica	Empregada
E. S.	Administrativa	Empregada
2º C.E.B.	Doméstica	Desempregada

Quadro 9 – Agregado familiar: Pais

PAI		
HABILITAÇÕES	PROFISSÃO	SITUAÇÃO PROFISSIONAL
1º C.E.B.	Empresário - encarregado C. C.	Empregado
E.S.	Técnico fiscal de obras	Empregado
2º C.E.B.	Pintor do ramo automóvel	Empregado
2º C.E.B.	Pintor do ramo automóvel	Empregado
2º C.E.B.	Empregada fabril (têxtil)	Empregado
1º C.E.B.	Empresário - empreiteiro	Empregado
2º C.E.B.	Empresário - empreiteiro	Empregado
3º C.E.B.	Empresário - carpinteiro	Empregado
3º C.E.B.	Encarregado de obra	Empregado
1º C.E.B.	Fotógrafo	Empregado
1º C.E.B.	Empresário no ramo da C.C.	Empregado
3º C.E.B.	Encarregado de obra	Empregado
3º C.E.B.	Controlador de qualidade	Desempregado
2º C.E.B.	Empresário - construtor civil	Empresário

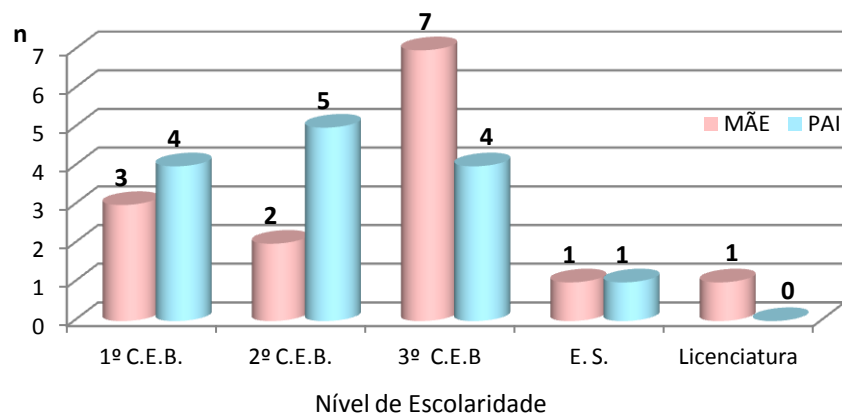


Gráfico n.º 15 – Comparação do nível de escolaridade dos pais dos formandos.

As mães dos formandos apresentam um nível escolar superior ao dos pais, no entanto, há mais mães que se encontram desempregadas do que pais, dado que existem na amostra seis mães desempregadas e apenas um pai.

O questionário apresentado aos formandos da turma segue com uma questão acerca das motivações que os levaram a escolher este curso. Foram solicitados três motivos, tratando-se de uma questão de resposta aberta, no entanto, algumas das motivações são comuns a vários formandos. Desta forma, à questão: “Indica três motivos que te levaram a escolher este curso”, as respostas foram as que se podem verificar no Gráfico n.º 16.

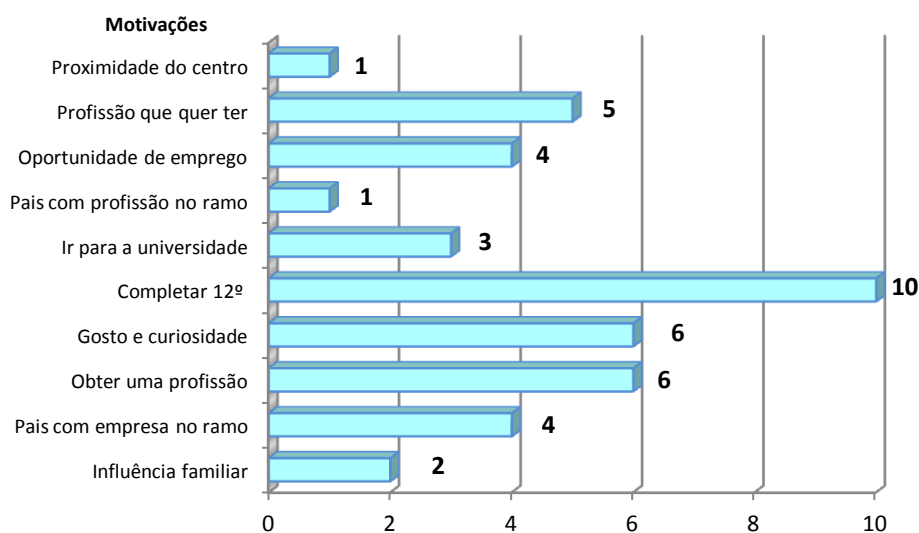


Gráfico n.º 16 – Motivações dos formandos relativamente à escolha do curso.

Pelo referido gráfico observa-se que dez dos formandos escolheram o curso como forma de “completar o 12.º ano”, sendo que seis deles referem o “gosto e a curiosidade” pela profissão e obter uma profissão motiva para a escolha. Salienta-se que cinco dos formandos refere ter escolhido o curso por ser a “profissão que quer ter”.

O questionário culmina questionando os formandos acerca da sua experiência profissional, cujos dados se encontram expressos no Gráfico nº 17.

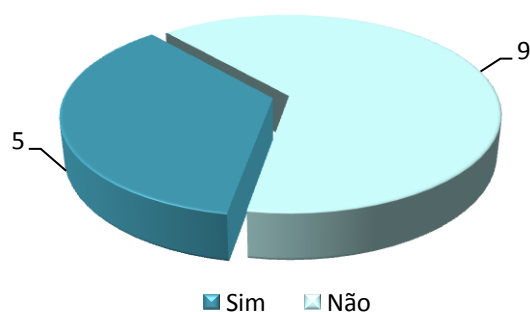


Gráfico nº 17 – Experiência profissional dos formandos.

Constata-se que apenas cinco dos formandos já tiveram algum tipo de experiência profissional. Destes, dois trabalharam na restauração, um em publicidade e telemarketing, um na empresa da família e um numa fábrica do ramo têxtil.



# Capítulo IV

Apresentação e Discussão  
dos Resultados obtidos  
durante o Processo de  
Supervisão de Estágio



## CAPÍTULO IV

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS OBTIDOS DURANTE O PROCESSO DE SUPERVISÃO DE ESTÁGIO

Seguidamente apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos durante o processo de monitorização do estágio dos formandos da turma. Durante este processo os formandos e respetivos tutores foram visitados nos seus locais de estágio/empresas utilizando-se entrevistas gravadas e notas de campo para a recolha de dados sobre os estágios e a Internet e folhetos das empresas para estabelecer o seu enquadramento. Os dados recolhidos são apresentados por formando.

#### 1. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O público-alvo da supervisão de estágio foram os formandos do 3.º ano de um curso de “Técnico de Condução de Obra”. Estes efetuaram o Estágio Final do seu curso, com a duração aproximada de 6 meses, em diversas empresas ligadas ao ramo da Construção Civil, sendo que um deles realizou o seu Estágio numa empresa na cidade de Lyon, em França. O referencial de formação deste curso encontra-se no Anexo VIII. A turma envolvida neste processo de investigação era, no momento em que foi desenvolvido o estágio profissional no âmbito deste mestrado, a única que estava a concretizar o seu Estágio Final, pelo que não tornou necessário qualquer processo de seleção. Acrescento ainda que se trata de uma turma que acompanho desde 2009, o que me permitiu um conhecimento aprofundado da dinâmica da mesma e dos próprios formandos.

A turma é composta por 14 formandos com idades compreendidas entre os 16 e os 22 anos, muitos deles residentes longe do centro de formação.

### 1.1. O processo de monitorização de estágio da turma de Condução de Obra

Apresentam-se em seguida as sinopses dos acompanhamentos realizados aos formandos da turma. Nestas são referidos 4 aspetos:

1. Parecer do coordenador sobre  $F_i$

Estes parecer tem como base os dados recolhidos na entrevista com o coordenador da turma.

2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio  $E_i$

Apresenta-se um breve enquadramento da empresa onde os formandos realizaram o estágio com base em panfletos das empresas e nas suas páginas de internet (quando existentes).

3. Local de estágio e entrevistas

Identifica-se o local onde os formandos realizaram o estágio e revela-se a forma como as entrevistas foram conduzidas (no próprio local, em local alternativo, em conjunto ou separadamente)

4. Parecer/síntese de cada um dos acompanhamentos realizados

Sintetizam-se neste ponto os dados recolhidos nas entrevistas realizadas aos formandos  $F_i$  (Anexo IX) e aos tutores  $T_i$  (Anexo X), citando-se alguns dos seus comentários. As transcrições das partes mais relevantes das entrevistas realizadas encontram-se no Anexo XI. No final das entrevistas aos tutores foi-lhes solicitado o preenchimento da Ficha de Acompanhamento dos Formandos (Anexo XII) para posterior entrega no CICCOPN. Esta ficha contém a identificação da ação e do formando e uma grelha para preenchimento com as classificações atribuídas pelo tutor ao formando no decorrer da formação prática em contexto de trabalho numa escala de 1 a 5: 1, muito insuficiente; 2, insuficiente; 3, suficiente; 4, bom; e 5, muito bom (Figura 2).

Esta ficha identifica também a entidade enquadradora (empresa) e possui um campo de observações.



Comportamentos Observados	Nível				
	1	2	3	4	5
Atitude/Postura					
Respeito hierárquico					
Capacidade para entender e seguir instruções					
Adaptação às tarefas e sua realização					
Curiosidade técnica					
Autonomia					
Espírito de equipa					
Adaptação a novas situações					

Figura 2 – Grelha de avaliação.

## 1.2. Acompanhamento do formando F1

### 1.2.1. Parecer do coordenador sobre F1

F1 é o formando bem-disposto e “brincalhão” da turma. Revela muitas dificuldades tanto em termos de formação de base como de formação tecnológica.

É um jovem extremamente humilde, que trabalhou em *part-time*, por necessidade, à noite e aos fins-de-semana, para poder frequentar o curso. Vem de um concelho limítrofe do distrito do Porto e residiu durante toda a formação num apartamento partilhado, sustentando-se a si próprio. É um jovem com muito valor.

### 1.2.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E1

E1 é uma empresa sediada no Porto, com mais de 25 anos de existência, que se dedica à construção civil, obras públicas e principalmente a restauros e recuperação de edifícios.

### 1.2.3. Local de estágio e entrevistas

O formando realizou o estágio na sede da empresa, nos escritórios, no Porto. É acompanhado por um engenheiro da empresa. As entrevistas foram realizadas separadamente, com privacidade, na sala de reuniões existente nas instalações da empresa.

### 1.2.4. Parecer / síntese

Ambas as entrevistas foram realizadas na sala de reuniões existente na sede da empresa, local onde o formando se encontra a realizar o estágio.

O primeiro a ser entrevistado foi o tutor. T1, engenheiro, é o responsável pela orientação do estágio de F1. Não considera que o formando tenha preparação de base suficiente para desempenhar as funções que lhe foram incumbidas mas refere que este fato poderá ser motivado pelo ramo da empresa – o restauro – que nos cursos de Técnico de Condução de Obra não é aprofundado. Refere que “...nós também como estamos numa área de reabilitação pode ser que também não seja muito usual ele utilizar estas terminologias, até mesmo ter o conhecimento destes materiais, que já são materiais específicos que saem fora do que é tradicional numa construção nova como base da construção ... no entanto, se calhar... se calhar para uma questão de evolução dele ou doutros formandos numa empresa, talvez alargar mais a base de conhecimento dos princípios mais básicos para que depois possam adquirir conhecimento e que sem essa base torna-se um bocadinho difícil, quer para eles, quer para as empresas”. Assim, observa que F1 possui lacunas no que toca às terminologias utilizadas neste ramo da construção à sua utilização, referindo também a ausência de “tempo” para ensinar convenientemente formandos nestas condições. “Isso (refere-se aos princípios básicos) não existindo, depois ficamos aqui num impasse, que é termos que nós de explicar para que eles depois possam evoluir e muitas das vezes complica-nos por um lado e outras das vezes, por outro lado, não temos a disponibilidade de tempo para que possamos dar essa formação para que eles também possam colaborar e não se sintam frustrados de estar cá sem nada para fazer”.

Quanto à idade com que o estágio se realizou considera-a adequada dado que esta já

possibilita a atribuição de responsabilidades pelas funções que desempenham. Relativamente ao relacionamento com os colegas de trabalho e integração da empresa considera-a muito positiva.

Refere que deveria existir um período de estágio intermédio que permitisse aos formandos conhecer melhor o meio, o que denota falta de conhecimento sobre o curso do qual é tutor, visto que este existiu. Dando-se conta do facto, refere que “ falhou no primeiro estágio ou o formando não teve a motivação suficiente para se adaptar porque...ele precisava de se adaptar nesse estágio intermédio, para que quando viesse agora para fazer este estágio já ter uma noção de como se processa toda esta realidade”.

Notei que F1 ficou muito contente em falar comigo, apesar de constrangido e pouco à vontade devido ao local em que nos encontrávamos. F1 considera que a formação que tem lhe serve de base para desempenhar as suas funções, referindo apenas que a parte referente ao Planeamento deveria ter sido mais aprofundada. Apesar de se sentir plenamente integrado na empresa, as funções que desempenha não o satisfazem nem realizam. O seu objetivo agora passa por obter uma formação no âmbito da restauração, dado que trabalha há alguns anos nesta área.

### **1.3. Acompanhamento do formando F2**

#### **1.3.1. Parecer do coordenador sobre F2**

F2 é o formando “aéreo” que tem uma banca de música. Escolheu o curso para terminar o 12.º ano. Demonstrou ser um formando bom, tanto ao nível da formação base como na formação tecnológica.

#### **1.3.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E2**

E2 é uma empresa sediada em Vila Nova de Gaia, com cerca de 25 anos de existência, que se dedica à prestação de serviços na área da construção civil.

### 1.3.3. Local de estágio

O formando realizou o estágio numa das obras da empresa, em Guimarães, mas propriamente na reabilitação de uma escola – obra concessionada pela empresa pública “Parque Escolar”. Foi acompanhado por um engenheiro da empresa e por um ex-formando do CICCOPN que frequentou um curso EFA - NS (Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário) também, de “Técnico de Condução de Obra”. As entrevistas foram realizadas nos estaleiros da obra, separadamente, ao formando e ao acompanhante, dado que o tutor delegou essa responsabilidade.

### 1.3.4. Parecer / síntese

As entrevistas foram realizadas nos estaleiros da obra, separadamente, ao formando e ao acompanhante. Este local permitiu uma abordagem verdadeiramente no terreno e uma melhor observação do local onde F2 realizou o seu estágio, denotando-se um grande “à vontade”. O primeiro a ser entrevistado foi o formando F2. Referiu que a formação que obteve serve de suporte para as funções que desempenha, salvaguardando a área de acabamentos, na qual considera não ter as bases necessárias para as funções que desempenha. Sente-se integrado na obra (empresa) conhecendo já todos os colaboradores, atendendo a que este foi o segundo estágio que realizou neste local. Identifica-se com as funções que desempenha, no entanto, tem como objetivo subir e pretende candidatar-se a um curso de engenharia. Refere ainda que se sentiu “desamparado” por não existir nenhum contato entre o CICCOPN e ele durante os estágios como forma de apoio, mas que apesar de tudo este decorreu como o esperado. “Não digo que liguem a todos os formandos, ... mas sei lá, um contato via e-mail, ou qualquer coisa, ou perguntar se está tudo a correr bem! Nunca ninguém perguntou nada até hoje! Mas acho que era importante. ... Não é que isso também me importe muito....mas acho que podia melhorar”. De referir ainda que o formando se esforçou por falar corretamente português.

O acompanhante que realizou a entrevista no lugar do tutor é um ex-formando do CICCOPN, de um curso equivalente ao de F2. Este refere, também por conhecimento de causa,

que a formação ministrada é apenas uma introdução e o que de facto é necessário é acompanhar uma obra de início ao fim para ter uma noção do todo, e também que alguns formadores não foram capazes de transmitir os conhecimentos da melhor forma desejada. Considera que o formando está perfeitamente bem integrado na empresa e que a faixa etária com que veio para estágio é a adequada.

#### **1.4. Acompanhamento do formando F3**

##### **1.4.1. Parecer do coordenador sobre F3**

F3 é o formando “mais novo” da turma e que muito aprendeu, em termos sociais, com os restantes colegas. Em termos de formação base e tecnológica é um formando razoável, no entanto, deixou um módulo incompleto, cujo exame foi realizado no final do estágio. É proveniente de uma família ligada à área da construção civil e daí ser um dos formandos mais aptos à profissão.

##### **1.4.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E3**

E3 é uma pequena empresa familiar sediada nos arredores de Amarante, que se dedica à construção civil em obras de pequena escala.

##### **1.4.3. Local de estágio**

O formando realizou o estágio nos escritórios da sede da empresa, nos arredores de Amarante. Teve oportunidade de deslocar a uma das obras duas vezes e é acompanhado por um engenheiro da empresa. Esta entrevista foi realizada no local de estágio, na presença de ambos os elementos, tutor e entrevistado, a pedido do tutor.

#### 1.4.4. Parecer / síntese

Esta entrevista passou quase por um diálogo entre os três, nomeadamente entre tutor e formando. T3 considera que a formação dada no CICCOPN serve de base para as tarefas a desempenhar, no entanto refere que falta a experiência. Tal, poderá dever-se ao fato dos pais trabalharem na área, o que faz com que os termos técnicos, materiais, ou procedimentos lhe sejam familiares. Refere, inclusivamente, que os formandos deste tipo de curso adquirem uma melhor formação na área do que próprios engenheiros, que iniciam a sua vida profissional com muita teoria mas sem qualquer prática. Menciona que deveria existir acompanhamento por parte de alguém da entidade formadora para ajudar a colmatar lacunas e ensinar os estagiários dado que nem sempre tem disponibilidade de tempo para o fazer. “É difícil no caso deles (formandos)... mas devia haver alguém que viesse cá, porque da maneira que está o mercado às vezes não lhe dou a devida atenção, porque é um proforma... anda para aí ..... e se fosse acompanhado, mais acompanhado ... e imagino que deve haver por aí empresas que então... é só para dar o jeito... e havia de haver uma colaboração maior entre a entidade formadora e a empresa”. Considera que a sua função é um “Proforma”, que deveria haver um professor responsável, e deixa no ar que em muitas empresas os estagiários nada fazem. Em termos de formação denota que há muita falta de pessoal que domine o AutoCad, nomeadamente o AutoCad 3D, e recomenda a F3 que frequente alguma formação área justificando que atualmente já é difícil para um engenheiro ter trabalho, portanto, mais ainda será para os que se encontram um escalão abaixo e essa seria uma vantagem. Relativamente à faixa etária com que iniciou o presente estágio considera-a adequada, considerando ainda que está bem integrado na empresa.

F3 considera que existe sempre um “desfasamento entre a teoria e a prática” mas que de uma forma geral a formação recebida no CICCOPN é a suficiente. Refere que no início do estágio sentia “vergonha” mas agora já está ambientado. Gosta da área da construção civil e identifica-se com a profissão dado que cresceu neste ambiente e não ambiciona completar ou prosseguir a sua formação, apesar do incentivo dado pelo tutor.

Considero muito positivo o reforço dado pelo tutor para que o formando complemente a sua formação. O tutor demonstra carinho e preocupação com o formando, notando-se que existe bem-estar entre os dois.

## **1.5. Acompanhamento do formando F4**

### **1.5.1. Parecer do coordenador sobre F4**

F4 é um formando um pouco “perdido”, que ainda não sabe ao certo se as suas preferências se enquadram no curso em que se encontra, apesar de ser um formando médio tanto na formação base como na formação tecnológica, não revelando dificuldades de aprendizagem.

### **1.5.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E4**

E4 é uma pequena empresa que se dedica à construção civil, localizada em Vila Nova de Gaia, dedicando-se à construção e comercialização de imóveis.

### **1.5.3. Local de estágio e entrevistas**

O estágio do formando F4 realizou-se em obra, na construção de um empreendimento de moradias. As entrevistas realizaram-se no stand de vendas do empreendimento. A entrevista ao tutor foi realizada na presença do formando e a entrevista do formando foi realizada em particular, a pedido do tutor.

### **1.5.4. Parecer / síntese**

Curiosamente, nesta visita, o tutor fez questão de ter o formando presente na sua entrevista deixando-nos depois a sós para a entrevista.

O tutor considera que a preparação é relativa pois corresponde a apenas cerca de 40% daquilo que lhes vai ser exigido, sendo a maior fatia correspondente à componente prática. Salienta, no entanto, que no que diz respeito ao funcionamento do AutoCad deveria ser mais aprofundado. Menciona que F4 conseguiu integrar-se bem na empresa e que se encontra na faixa etária apropriada para iniciar a vida profissional dado que aqueles que iniciam com mais idade já terão “vícios”. “Mais velho já vinha com vícios,... portanto eu acho que é uma boa idade e até para decidir se realmente quer ou se não quer e acho que é uma boa altura para poder optar por outras coisas”. Refere que o CICCOPN deveria atribuir um coordenador de estágio, um responsável que visitasse os locais de estágio para aferir se este decorria em conformidade com o esperado “...estamos a falar de um estágio de 4 meses e também já tinha feito noutra empresa mais 3 meses... portanto, eu não digo todas as semanas, nem todos os meses, mas se calhar todos os meses mesmo, o período de estágio que eles fazem... acho que devia haver alguém responsável, um coordenador por estágio, que viesse ao local e visse se as coisas estão a correr bem, se não estão... O que você está aqui a fazer basicamente, mas ser ligado a alguém ao curso. Acho que isso é importante. Pelo menos aí acho que é uma falha”.

F4 deixa escapar que o primeiro estágio não correu muito bem e que a entidade formadora deveria acompanhar mais de perto os estagiários. Considera que possui preparação suficiente para desempenhar as suas funções, no entanto que a formação recebida sobre AutoCad deveria ter sido mais aprofundada. Afirma que se enquadrou bem na empresa onde atualmente estagia referindo “...o meu tutor recebeu-me bem e explicou-me logo no início como é que funcionava as coisas... e essas coisas todas... e acho que não foi muito difícil enquadrar-me” e que pretende complementar a sua formação com um curso na área da contabilidade.

## **1.6. Acompanhamento do formando: F5**

### **1.6.1. Parecer do coordenador sobre F5**

F5 é um dos formandos mais velhos da turma mas apesar disso é o mais “infantil”. Em termos de aprendizagem é um aluno mediano, quer em termos de formação base quer em



termos de formação tecnológica, que não revela dificuldades de aprendizagem, apesar de ser um pouco desleixado com as tarefas que lhe são solicitadas.

#### **1.6.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E5**

E5 é uma empresa sediada no porto, que se dedica à prestação de serviços na área da conceção, construção, decoração de interiores e gestão de todo o tipo de obras. Funciona segundo o conceito “Chave na mão”, ou seja, gere e coordena todas as fases de execução de obras e interiores, desde a ideia, ao papel, até ao resultado final.

#### **1.6.3. Local de estágio**

O formando realizou o estágio nas instalações da empresa sendo aqui que foram realizadas as entrevistas. Estas foram realizadas na presença de ambos. Nota-se que esta é uma empresa humilde e humana onde os trabalhadores se apresentam descontraídos. De referir que o formando teve uma pequena ajuda financeira da empresa durante a realização do estágio.

#### **1.6.4. Parecer / síntese**

Estas entrevistas realizaram-se nas instalações da empresa e na presença de ambos os elementos. O primeiro a ser entrevistado foi o formando. Este apresentava-se aparentemente à vontade no seio da empresa mas um pouco contente nas respostas e na conversa que tivemos.

O formando considera que o que aprendeu vai de encontro às tarefas que desempenha na empresa referindo, no entanto, que sente que deveria ter mais horas da componente prática e que necessitaria de mais formação na área das Medições. Conseguiu integrar-se na empresa e sente-se realizado com as funções que desempenha pelo que pretende complementar a sua formação com um curso de nível 4, na mesma área. (Condução de Obra) Menciona que durante os estágios “há muita falta de acompanhamento...no estágio a escola (CICCOPN) não quer saber de algum modo como está a correr o estágio”.

O tutor considera que o formado tinha algum conhecimento acerca do ramo mas ainda estava aquém do desejado. Refere que lhe falta ter uma noção de tudo desde o planeamento, orçamentação e outras artes, dado que a empresa funciona segundo o conceito de chave na mão, considerando que tal só se consegue com a prática. “ É todo o seguimento desde orçamentação, conseguir ter perceção dos trabalhos e os vários enquadramentos e outras artes, num trabalho específico no nosso conceito que é obra de chave na mão, em que um trabalho começa e tem que estar a obra limpa, pronta a ocupar pelo cliente. E as várias tarefas e os vários trabalhos para a realização do produto final. Acho que essa só com formação não vai lá. É só com as experiências.” Refere que o formando se integrou bem na empresa e que a faixa etária com que veio para estágio é ideal por permitir a aprendizagem e já ser possível acatar responsabilidades, referindo a importância que atribui a conceitos como obediência, respeito e cumprimento de ordens.

### **1.7. Acompanhamento do formando: F6**

#### **1.7.1. Parecer do coordenador sobre F6**

F6 é o formando “certinho” da turma. Tem excelentes resultados nas duas vertentes formativas, é responsável, educado, tem gosto e cuidado no que faz.

#### **1.7.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E6**

E6 é uma empresa sediada no Porto de renome no mercado que se dedica a várias vertentes no ramo: construção civil, promoção imobiliária, restauro e reabilitação.

#### **1.7.3. Local de estágio**

O formando realizou o estágio em obra e a sua entrevista realizou-se nas instalações do CICCOPN, enquanto que a entrevista ao tutor se realizou na sede da empresa.

#### 1.7.4. Parecer/síntese

F6 considera que aprendeu muito na formação em sala mas que tal não se compara com o que aprendeu durante o estágio, pois foi muito mais, referindo que a existência de um estágio mais prolongado permitiria uma maior aprendizagem “Nunca se compara estar numa sala de aula a estar numa obra. Aprende-se muito mais em obra. É isso que acontece, acho eu, em todos os estágios. Principalmente neste 2º estágio que é mais comprido e possibilita mais a estadia em obra do que no 1º que era só 3 meses, mais ao menos. Portanto, acho que aprende-se mais num estágio mais comprido e em obra do que em escritório”.

Teve alguns entraves na colocação em estágio mas que foram ultrapassados, iniciando-o dois dias mais tarde. Refere a ausência de comunicação entre a empresa e a entidade formadora e ausência do tutor em obra, mencionando que foi principalmente acompanhado pelo encarregado e a maior parte da aprendizagem que fez foi autonomamente. “Aprendi bastante sozinho e com o encarregado também ...só que se o encarregado fosse o meu tutor... não sabe mandar um mail... não sabe fazer nada, portanto não podia ser. Os tutores têm de ser bem escolhidos, não podem só ser pessoas que assinam. Têm de ser pessoas que estão presentes, que nos deem indicação e...têm que nos guiar”. Em termos de integração afirma que não teve qualquer dificuldade e também que pretende prosseguir os estudos na área de arquitetura, tendo como objetivo ingressar na faculdade via acesso para maiores de 23. Durante o estágio frequentou um curso de programação.

T6 refere que o formando apresentou algumas lacunas em termos de formação base mas tal poder-se á dever ao fato deste se encontrar numa obra de reabilitação de um edifício. Considera-o um formando com bom feitio, responsável e autónomo, tendo-lhe atribuído algumas responsabilidades. “Ele foi enquadrado numa equipa de chefia da obra onde ele estará encarregue de liderar uma equipa de trabalhadores, pronto, e ele nesse aspecto tem demonstrado, pronto, alguma à vontade, quer ao nível da liderança para com essas pessoas que ficaram ao encargo dele, como na capacidade ou o interesse que ele tem na aprendizagem e no conhecimento dos métodos de trabalho”. A sua integração na obra foi fácil, está adequando ao contexto e considera a faixa etária com que veio para estágio adequada.

## **1.8. Acompanhamento do formando: F7**

### **1.8.1. Parecer do coordenador sobre F7**

F7 é um formando aplicado e com muita vontade de terminar a curso. É um bom formando nas duas vertentes formativas, considerando-o o formando com “mais aptidão” para desenvolver a sua atividade profissional na área, talvez porque provém de uma meio familiar que o faz. Esteve alojado nas instalações do centro durante a formação.

### **1.8.2. Caracterização da Empresa onde realizou o estágio: E1**

E7 é uma empresa familiar sediada no Marco de Canavezes que desenvolve a sua atividade principalmente em Espanha e França.

### **1.8.3. Local de estágio e entrevistas**

O estágio de F7 realizou-se em Lyon, numa obra da empresa. A entrevista ao formando realizou-se na sua residência, na presença da mãe, durante o período de Natal não tendo sido possível contactar o tutor que o acompanhou.

### **1.8.4. Parecer/síntese**

A entrevista foi realizada na residência do formando, e contou com a presença da sua mãe, que se mostrava orgulhosa no desempenho do filho e por este completar o 12º ano.

O formando considera que os métodos de construção utilizados em França são mais simples do que os de Portugal, apesar de gostar mais dos métodos utilizados em Portugal, considerando-os de melhor qualidade e maior beleza. Em termos de formação sentiu falta da componente prática nas áreas de cofragens, pilares e sapatas. A empresa já era sua conhecida por se tratar de um negócio de família, revela que a sua principal dificuldade foi a língua e confessa que sentiu muitas saudades de casa. Refere que não teve contato com a entidade formadora mesmo apesar do envio de relatórios e que no primeiro estágio efetuado (noutra

empresa) foi colocado como medidor orçamentista e não como condutor de obra. “Eles mandam-nos para estágio e não querem saber mais de nós! É mesmo assim. Eu...desde que fui para o estágio nunca entraram em contacto comigo. Pediram-nos para enviar os relatórios mensais, nem disso querem saber, ..., é mesmo assim. Disseram que enviavam e que depois corrigiam e que nos diziam alguma coisa. Até ao dia de hoje, todos os que enviei nunca obtive resposta de ninguém. O CICCOPN devia ter mais contacto com os formandos”. Pondera completar a sua formação com outro curso na área mas só mais tarde, dependendo da evolução e oportunidade de trabalho. A construção é o seu sonho e sente-se realizado. “É o que eu gosto de fazer. A construção civil para mim é..., como é que eu hei-de dizer... é o meu sonho, é a área de que eu gosto. Não havia outra coisa a escolher, era mesmo isto, era a construção civil”.

### **1.9. Acompanhamento do formando: F8**

#### **1.9.1. Parecer do coordenador sobre F8**

F8 é um formando que “passa despercebido”, sendo extremamente calado. Em termos de aprendizagens é um formando médio em ambas as vertentes de formação

#### **1.9.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E8**

E8 é uma empresa de renome sediada no Porto que centra a sua atividade em serviços de energia, manutenção e reabilitação de edifícios.

#### **1.9.3. Local de estágio e entrevistas**

O formando realizou o seu estágio nos escritórios das instalações da sede da empresa. As suas tarefas assentam maioritariamente em gestão, envio e resposta a e-mails e elaboração de propostas de reparação. As entrevistas foram conduzidas separadamente.

#### 1.9.4. Parecer/síntese:

O formando considera que precisava de ter mais noções de eletricidade para as tarefas que desempenha, no entanto, como desenvolve as suas atividades no escritório, sente-se mais à vontade do que se estivesse em obra. Salaria o número reduzido de vezes que esteve em obra e refere que se sente enquadrado na empresa, referindo que pensa em tirar uma formação na área da eletricidade ou AVAC (aquecimento, ventilação e ar condicionado). Apresenta uma sugestão de melhoria no sentido de haver alguém da entidade formadora que acompanhe os estagiários *in loco*, para que estes desempenhem as funções para as quais estão destinados e não as que são convenientes às empresas. Tem fortes hipóteses de ficar na empresa a trabalhar. “Eu acho que devia vir outra pessoa aqui mais vezes. Às vezes uma pessoa quer falar .... mas chega a altura em que não se consegue dizer nada. Tem que ser uma pessoa a dizer olhe ele não está a fazer o estágio correto, não sei quê ... Um intermediário com mais força, mais por dentro do assunto e que represente o CICCOPN”.

O tutor considera que o formando tem conhecimentos razoáveis acerca da área, e revela que o formando apresenta uma excelente facilidade de relacionamento com os restantes colaboradores. “Efetivamente ele é uma pessoa tímida e reservada... já se nota que ele tem muito à vontade em trabalhar em equipa, o que é muito importante. Hoje em dia quem não souber trabalhar em equipa não consegue ter um posto de trabalho, como é evidente, e realmente ele já está bastante bem integrado na dinâmica da empresa”. Relativamente à faixa etária dos estagiários considera que depende de pessoa para pessoas pois a maturidade pode ser atingida mais cedo ou mais tarde, no entanto, considera F8 já maturo para desempenhar as funções que lhe são atribuídas. Afirma ainda que se encontra numa empresa que já recebeu e recebe vários estagiários da entidade formadora e que por vezes estes acabem por permanecer lá a trabalhar.

### **1.10. Acompanhamento do formando: T9**

#### **1.10.1. Parecer do coordenador sobre F9**

F9 tentou “desistir” várias vezes da formação alegando que não tinha capacidades para a terminar. Revelou algumas dificuldades nomeadamente no que respeita à formação de base, mas que acabou por ultrapassar. A família desenvolve a sua atividade profissional na área, no entanto dá a entender que esta não é a área que deseja prosseguir.

#### **1.10.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E9**

E9 é uma empresa do ramo da construção civil, sediada na Maia, que desenvolve as suas atividades em torno a construção, reabilitação e restauro.

#### **1.10.3. Local de estágio e entrevistas**

F9 desenvolveu o estágio numa das obras da empresa, sendo orientado pelo engenheiro responsável pela obra. As entrevistas foram realizadas nas instalações do CICCOPN pelo fato da obra não ter estaleiros adequados para tal. Note-se que como aconteceu recorrentemente na formação, o formando chegou bastante atrasado, tendo a primeira entrevista sido ao seu tutor.

#### **1.10.4. Parecer/síntese:**

F9 considera que possui um conhecimento básico para desempenhar as tarefas que lhe são propostas, no entanto sente que lhe falta treino. “Uma pessoa para pôr em prática o que aprende aqui é um bocado difícil. Por exemplo: materiais, nós tínhamos uma folha para fazer os cálculos e isso tudo. Em obra não temos nada disso, somos nós que temos de ler isso tudo. Isso é que é mais complicado. Tenho aquela ideia mas tem de ser o tutor a ajudar. É difícil.” Sente que é difícil gerir e liderar “Há coisas que nunca tinha experimentado numa obra. Nunca tinha

estado a mandar em alguém, isso nunca, é uma sensação diferente ter que mandar. Temos de ter mais juízo” e menciona que o outro estágio não correu bem “Estive o tempo todo numa salinha a apontar o que chegada à obra e saía. Mais nada...”. A integração na empresa foi fácil dado que já trabalhava na área há algum tempo e gosta do que faz, no entanto, não pretende completar a sua formação, apenas trabalhar.

T9 inicia a conversa referindo que da sua experiência profissional tem conhecimento e já se deparou com várias empresas que vêem os estagiários como mão-de-obra gratuita, colocando-os a desempenhar funções que saem do âmbito do seu curso para desempenhar aquelas que são necessárias às empresas “O que eu acho é que os estágios que são dados aqui aos vossos alunos, a maior parte das vezes eles aproveitam para os colocar a fazer serventia em obras ou a fazer de apontador, coisa que os outros não querem fazer. Acabam por fazer de moço de recado”. Mencionou o incentivo que deve ser dado aos estagiários durante o seu estágio, devendo os tutores ter consciência dos planos de curso dos estagiários que orientam no sentido de lhes proporcionar diferentes experiências. “O incentivo grande vem daí. Porque se realmente nós explicarmos, claro que isto dá é trabalho e obriga-nos a alguma disponibilidade também para com eles que é termos de dar algumas linhas de orientação, também deixá-los pensar um bocadinho e criticando o trabalho e eles entrarem na organização da empresa mas para eles sentirem que participam nela. Se ele sentir isso acho que o incentivo é grande. Eu dei aqui a um formando vosso também, mas desde o início ao fim do estágio, a outro formando... e realmente ele desde o início até ao final esteve super incentivado. Para já em todos os estágios eu colocava-o num tipo de obra diferente”

Relativamente a F9 menciona que a sua integração foi fácil e que a faixa etária é a indicada. Curiosamente foi o único tutor que tomou conhecimento da estrutura do curso do estagiário antes de o receber para o colocar numa função adequada. “Eu procurei perceber quais eram os conteúdos que realmente ele tinha aprendido cá e tentei enquadrá-lo dentro dessa área de trabalho. Fiz por esta ordem: não lhe arranjei um lugar, primeiro conversei com ele, fiz-lhe tipo uma pequena entrevista e depois enquadrei-o neste tipo de trabalho que seria mais ajustado à componente dele”. Considera que a preparação de F9 é adequada, apesar de algumas limitações pois este ainda recusa um pouco valorizar a teoria, valorizando apenas a prática. Critica também os relatórios de estágio solicitados pela entidade formadora. “Eu acho



que o relatório de estágio devia ser mesmo como um relatório: uma introdução sobre o estágio dele, uma apreciação que eles próprios fazem dele, o que é que eles fizeram durante o estágio e depois a conclusão que eles tirariam. E eu li relatórios de estágio em que às vezes era “estive a assentar tijolos na obra”. Quer dizer e quando vocês estão a falar em Condução de Obra ele não tem que saber assentar tijolo. Tem que saber se calhar algumas regras do assentamento do tijolo mas não propriamente que saber assentar tijolo. Tem que saber conduzir equipas, tem que saber organizar, se não se desenvolvem nesta hierarquia é uma lacuna”.

Termina sugerindo que o CICCOPN deveria realizar algum tipo de sensibilização nas empresas no sentido de proporcionar aos formandos verdadeiros momentos de aprendizagem e enquadramento nas empresas. “Não é só colocá-los na obra, deixá-los lá isso não pode acontecer... A minha única sugestão era tentar, sei que não deve ser fácil, é tentar obrigar as empresas... a nível de ...orientação, se calhar, é um pouco aquilo que eu tentei fazer, não sei se fiz bem ou se fiz mal, mas tentei fazê-lo por iniciativa própria, que é conhecer um pouco o conteúdo do curso que os estes formando estão inseridos e tentar adaptar o lugar para eles realmente desenvolverem as componentes desse curso. Porque ele se vai fazer de servente quando era condutor de obra, não vai desenvolver nada e mesmo aquele incentivo para depois continuar o curso perde-se. Ele chega aqui e vai depois ouvir algumas teorias e nada de prática, portanto isso aí eu acho que... agora, que é difícil deve ser. A maior parte das empresas vejo que é tipo, abriram um lugar para tomar conta de alguém durante um período. Se vocês conseguissem corrigir esta componente estava excelente. Tentar esta comunicação e aproximação com as empresas para que os estágios sejam realmente o estágio, aí é que eu acho que é a lacuna cá. Como é que isto se faz...não sei.”

### **1.11. Acompanhamento dos Formandos F10 e F11**

#### **1.11.1. Parecer do coordenador sobre F10 e F11**

F10 e F11 são “irmãos” que decidiram frequentar esta formação com o principal objetivo de concluir o ensino secundário. São formandos medianos tanto no que respeita à componente prática como à componente teórica.

#### **1.11.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E10**

E10 é uma empresa familiar com sede em Vila Nova de Famalicão que executa pequenas obras na área da construção civil.

#### **1.11.3. Local de estágio e entrevistas**

F10 e F11 são irmãos que realizaram o estágio na mesma empresa e sob orientação do mesmo tutor. Foram sentidas dificuldades para a marcação de entrevistas tanto com os formandos como com o tutor. Assim, as entrevistas aos formandos foram realizadas na cidade onde residem e a entrevista ao tutor foi realizada nas instalações do CICCOPN, contando esta com a presença da coordenadora do Departamento Pedagógico

#### **1.11.4. Parecer/síntese**

Estas entrevistas foram difíceis de marcar atendendo à falta de disponibilidade do tutor e dos formandos. Pelo que me apercebi, os formandos nem sempre estiveram presentes no local de estágio alegando problemas familiares e a separação dos pais. Os formandos referem que não aplicam muito do que aprenderam na formação em sala, mas que, no entanto, se enquadraram bem na empresa. Não é a profissão que desejam seguir e irão tentar ingressar no ensino superior. “...eu não apliquei nada do que aprendi na escola no estágio, sem ser medições e orçamentos não apliquei mais nada”. Referem também que não foram devidamente orientados

pelo tutor, que não estava ciente das tarefas que os formandos deveriam desempenhar no estágio “...primeiro deviam de orientar melhor o estágio e informar os tutores o que é que nós temos de fazer, por tudo em ordem, porque eu cheguei ao estágio este ano e o meu tutor não sabia o que é que eu ia para lá fazer, tive que ser eu a explicar mais ao menos o que é eu ia para lá fazer porque ele não sabia. A escola (CICCOPN) disse que ia informar os tutores do que era para fazer mas não informaram nada, que ele disse não sabia de nada.”

Os formandos pareceram não estar preocupados com o estágio. Fiquei com a impressão que não aplicaram conhecimentos devido à sua ausência ao estágio.

Por sua vez, o tutor não se mostrou preocupado com a situação alegando falta de tempo para os acompanhar revelando que os formandos faltam por variadas vezes ao estágio “E eles continuam a faltar muito, mandam-me mensagens, que vão comprar uma prenda para a mãe, .... Mas eu não estou muito para me chatear ... Eu não sei quem é o F10 nem quem é o F11 ... Não sei distingui-los... “

O tutor considera os formandos “verdes” e sem noção do que os esperava. Aceita que o estágio é uma fase de aprendizagem e um início profissional mas revela falta de tempo para os acompanhar “... às vezes porque não temos tempo e o nosso objetivo no fundo era ajudá-los um bocado”. O tutor apresentou-se desleixado com a sua função e parte das suas respostas foram complementadas pelas da Coordenadora Pedagógica.

De uma forma geral o tutor deu a entender que não tinha acompanhado os formandos, revelando desleixo na posição que lhe foi incumbida.

## **1.12. Acompanhamento do Formando F12**

### **1.12.1. Parecer do coordenador sobre F12**

F12 é um formando muito “protegido” em casa e inicialmente revelou mesmo ter medo de vir para a formação. É trabalhador e apresenta resultados médios tanto na formação tecnológica como na formação base.

#### **1.12.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E12**

E12 é uma grande empresa nacional na área da construção civil, sediada no distrito do Porto que desenvolve a sua atividade no âmbito da construção residencial, industrial, comércio e serviços, desporto e lazer e conservação e requalificação em obras públicas e privadas.

#### **1.12.3. Local de estágio e entrevistas**

As entrevistas foram realizadas na obra onde se desenrolou o estágio tanto ao formando como ao tutor, separadamente. De referir que na primeira entrevista marcada nenhum dos dois estava presente na obra.

#### **1.12.4. Parecer/síntese**

O formando refere que deveriam existir mais disciplinas práticas na formação que decorre nas instalações do CICCOPN e que gostaria de passar mais tempo em obra. Considera que se integrou bem na empresa mas não tenciona frequentar mais formações na área. Critica o CICCOPN pois entende que o centro de formação se desleixa dos formandos a partir do momento em que estes vão para estágio. “Há pouca ... qual será a palavra certa ... comunicação entre o aluno e a escola quando está a estagiar. Eles ... aleluia; foram para estágio. É! É isso. E...a comunicação entre mim e a empresa é boa. Agora a comunicação empresa/escola, neste caso, no meu caso ... praticamente nenhuma”. Refere que deveriam existir reuniões semanais mas estas nunca se concretizaram.

Já o tutor entende que o estágio faz parte do processo contínuo de formação afirmando que o formando esteve à altura das expectativas “... eu interpreto a coisa como um processo contínuo de evolução. Dentro das competências que lhe foram atribuídas esteve à altura, mas entendo que existem capacidades na pessoa em causa para desenvolver ... “. Refere também que este estágio deveria ser efetuado com formandos mais velhos, apesar do relacionamento entre o formando e os restantes membros da equipa ser positivo.

### **1.13. Acompanhamento do Formando F13**

#### **1.13.1. Parecer do coordenador sobre F13**

F13 é um formando muito “controlado” pela família, que desenvolve a sua atividade nesta área. Revela algumas dificuldades de aprendizagem principalmente ao nível da formação base, no entanto, é um formando com grande aptidão para desempenhar a função de condutor de obra.

#### **1.13.2. Caracterização da empresa onde realizou o estágio: E13**

E13 é uma empresa sediada na maia cujos serviços na área da construção civil são essencialmente ao nível de Reabilitação, Impermeabilização, Isolamentos Térmicos e Acústicos e Pinturas e Pichelaria

#### **1.13.3. Local de estágio e entrevistas**

As entrevistas foram realizadas, separadamente e dias diferentes nas instalações do CICCOPN por motivo de não existirem condições para a sua realização nem no local de estágio nem na sede, que se encontrava em transferência de local.

#### **1.13.4. Parecer/síntese**

O formando sente-se realizado com o trabalho que desempenha apesar de inicialmente não estar certo do curso que estava a tirar. “Eu no início, vim para aqui, não era exatamente aquilo que eu...eu queria fazer um curso de artes ... gosto de desenhar, quem me encaminhou para aqui foi o meu pai. Não sabia bem para aquilo que vinha ...e pronto, ao fim e ao cabo, pronto, uma pessoa começa a aprender mais coisas, começa a achar mais interessantes as matérias, começa a entrar mais nesse campo. E agora, pronto agora cá estou eu”. Integrou-se bem na equipa e pretende completar a sua formação com um curso de manobrador de

máquinas. Considera que possui um nível básico de formação para iniciar o estágio mas no seu decorrer é ficará verdadeiramente capaz de desempenhar as funções esperadas. Adaptou-se ao local de trabalho e refere que o tutor lhe deu motivação para continuar. “E até o próprio patrão da empresa ajudou-me muito...deu-me motivação para continuar. Ele próprio dizia “eu quero que sejas um bom técnico de obra e quero que fiques nesta empresa”. Após o estágio o formando terá a hipótese de trabalhar na empresa que o recebeu.

O tutor considera que o formando esteve além das expectativas referindo que estava bem preparado e demonstrava mais responsabilidade do que seria de esperar para a sua idade. “O teórico foi importante que ele aprendeu aqui (CICCOPN) e depois aqui na prática mostrou o que aprendeu e é lógico que na prática aprende-se muito mais, também, do que só na teórica, não é? Ele foi uma pessoa que se dedicou muito, é uma pessoa que mostrou bastante profissionalismo, por ser estagiário e para os conhecimentos que ele tem. Até foi um dos melhores estagiários que passou por cá, honestamente!... Acho que foi além das expectativas...”

Considera que faixa etária é a indicada e mostrou-se muito satisfeito com o formando.

#### **1.14. Acompanhamento do Formando F14**

Não foi possível marcar entrevistas a este estagiário e ao respetivo tutor.

## 2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS RELATIVAMENTE AOS FORMANDOS

Os resultados obtidos com base nas respostas dos formandos podem ser divididos em quatro categorias:

- ✓ Categoria I - Adequação da Formação Base
- ✓ Categoria II - Enquadramento na Empresa/Obra/Equipa
- ✓ Categoria III - Realização Profissional
- ✓ Categoria IV - Sugestões

### 2.1. Categoria I – Adequação da Formação Base

A generalidade dos formandos considera que possui uma formação base mínima para as funções que desempenha no contexto do estágio, apesar de sentirem muita falta de prática, o, que seria já de esperar, mesmo sendo este um segundo estágio. A área da construção civil é muito vasta e possui várias especializações, pelo que, acabaram por ser sentidas algumas dificuldades no que respeita ao planeamento, medições, eletricidade, AutoCad, cofragens, pilares, sapatas, acabamentos e à nomenclatura de materiais, nomeadamente devido à existência de estágios num ramo que recentemente despertou e tornou-se bastante ativo, a reabilitação. Estas dificuldades seriam de esperar, pois dominar este vasto leque de informação requer anos e anos de prática no terreno.

### 2.2. Categoria II – Enquadramento na Empresa/Obra/Equipa

Quando questionados acerca do seu enquadramento na empresa/obra/equipa o sim tornou-se denominador comum. As relações com outros funcionários e/ou colaboradores foram cordiais, no entanto, nos casos em que os formandos desempenharam uma função de Condução mais responsável, foram sentidos alguns constrangimentos iniciais com colegas mais velhos e experientes devido à posição subalterna que estes ocupavam em obra.

### **2.3. Categoria III – Realização Profissional**

A maior parte dos membros da ação sentem-se realizados com as tarefas que desempenham e pretendem colmatar a sua formação com ações modulares na área, como AutoCad, Condutor/Manobrador ou Eletricidade, e outros desejam prosseguir estudos na área da contabilidade ou engenharia (três dos formandos). De salientar que a maioria destes formandos são provenientes de agregados familiares que desempenham a sua atividade profissional na área da construção civil, pelo que, já se encontravam confortavelmente enquadrados no meio.

### **2.4. Categoria IV – Sugestões**

Quando solicitadas algumas sugestões de melhoria ou comentários acerca do seu curso/estágio, a quase totalidade dos formandos revela ter sentido falta de acompanhamento por parte do CICCOPN, referindo a ausência de comunicação com a entidade durante este tempo. Utilizam expressões como “quando vamos para estágio é quando pensam que já estão despachados”. Supostamente deveria haver reuniões mensais entre a entidade formadora e os formandos, mas tal aconteceu uma única vez. Referem que deveria haver alguém que os visitasse durante o estágio para “ver como eram as coisas”, ou seja, se estão a desempenhar as funções para as quais estão destinados. Alguns dos formandos revelam que durante o primeiro estágio desempenharam funções que nada estavam relacionadas com o objetivo da sua formação.

Relativamente aos tutores, alguns dos formandos são bem críticos. Referindo que “os tutores não podem ser pessoas que só assinam” e que “não formam os tutores para orientar os estágios”. Tal mostra que os tutores não acompanham de forma sistematizada os formandos no terreno, sendo esta função muitas vezes delegada para os encarregados de obra e outras vezes inexistente na prática.



### 3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS RELATIVAMENTE AOS TUTORES

A linguagem utilizada pelos tutores evidencia algumas lacunas de formação existentes no sector da construção civil. Talvez na próxima geração estas situações evoluam, dado que os profissionais do sector já começam a obter mais qualificações, quer profissionais quer académicas.

As informações recolhidas com base nas entrevistas aos formandos acabam por estar de acordo com as informações prestadas pelos tutores. Assim, os resultados obtidos com base nas respostas dos tutores podem ser estruturados em quatro categorias:

- ✓ Categoria I - Adequação da Formação Base
- ✓ Categoria II - Enquadramento na Empresa/Obra/Equipa
- ✓ Categoria III – Adequação da faixa etária
- ✓ Categoria IV - Sugestões

#### 3.1. Categoria I – Adequação da Formação Base

A generalidade dos tutores refere que os formandos possuem um nível de conhecimento básico aceitável para desempenhar as suas funções, mas referem de forma visível a sua falta de experiência. Na sua maioria afirmam não poder “perder tempo com estagiários” e ouviram-se afirmações como “senti que (o formando) estava a ver aquilo pela primeira vez”, como se tal não fosse de esperar. Um estágio é um percurso de aprendizagem orientado, caso contrário não seria um estágio mais sim um profissional contratado. Fiquei com a impressão de o que se pretendia era mão-de-obra gratuita e com qualidade, mais um par de mãos para o trabalho. Neste sentido, julgo que as perceções sobre a função e o âmbito do estágio deveriam ser trabalhados com as empresas e os tutores que acompanham os estagiários.

### **3.2. Categoria II – Enquadramento na Empresa/Obra/Equipa**

Muitos dos tutores não fazem acompanhamento direto dos estagiários apesar de considerarem que estes estão bem enquadrados na empresa/obra/equipa. Os tutores nomeados são maioritariamente engenheiros que desenvolvem a sua atividade nas sedes das empresas, deslocando-se à obra/estaleiro esporadicamente. Durante algumas entrevistas apercebi-me de que vários tutores não conheciam o percurso dos formandos, não podendo desta forma adequar convenientemente os estagiários às funções que devem desempenhar.

Nas entrevistas realizadas a acompanhantes/encarregados cuja função de tutor lhes foi legada, nota-se que conhecem bem o trabalho desenvolvido pelos formandos dado que os acompanhem diariamente no terreno. De uma forma geral, os estagiários integraram-se bem nos devidos locais, estabelecendo ligações profissionais e mesmo de amizade com outros colaboradores.

### **3.3. Categoria III – Adequação da Faixa Etária**

Relativamente à faixa etária com que iniciaram este estágio, os tutores entrevistados referem que é adequada, considerando que os formandos possuem idade suficiente para lhes serem inculcidas responsabilidades no trabalho que desempenham sem que tenham já contraído *vícios*. Ao mencionar estes vícios os tutores referem-se ao incumprimento de horários, à não utilização de equipamentos de proteção individual e coletiva e ao consumo de álcool durante a jornada de trabalho.

### **3.4. Categoria IV – Sugestões**

Vários tutores referem a falta de um responsável da entidade formadora que pudesse acompanhar também os formandos. Isto sugere que os tutores tentam delegar, na sua maioria, à entidade, as funções que deveriam representar. De notar que de todos os tutores contactados apenas dois referiam ter conhecimento dos planos do curso e de ter tentado proporcionar aos formandos o contacto com o maior número de experiências possíveis em obra.



# Capítulo V

## Conclusões e Recomendações Finais



## CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

Na generalidade, os formandos consideram que possuem uma formação base suficiente para desempenharem as funções que lhes são incumbidas, apesar de se sentir alguma insegurança assente na sua falta de experiência, o que seria de esperar. No que respeita às relações humanas nos locais de estágio, todos eles foram bem-sucedidos. De uma forma geral, sentem-se realizados com o seu desempenho, pretendendo completar a sua formação com outra na área, o que revela que a escolha no percurso que fizeram foi adequada. Isso talvez se deva ao facto destes jovens não terem feito a sua escolha profissional no 9.º ano, como a generalidade dos estudantes, o que lhes permitiu ter mais tempo para refletir e fazer uma escolha mais ajustada. Felicito estes jovens pela coragem de terem escolhido um curso profissional fora do ambiente totalmente escolarizado, cursos estes que tão pouco reconhecimento e tão mal vistos estão pela sociedade em geral. Atualmente, os cursos de formação profissional de jovens ainda são vistos como alternativas ao insucesso escolar, o que lamenta, até porque, na realidade das nossas escolas, é precisamente a saída que lhes dão. Uma grande parte dos alunos com insucesso nos percursos escolares regulares são encaminhados para a formação profissional.

Preocupam-me as sugestões dadas pelos formandos no sentido em que a falta de acompanhamento, quer pela entidade formadora, quer pela empresa (na função dos tutores), se podem tornar grandes impedimentos na aprendizagem e no seu desenvolvimento profissional. A realidade da construção civil e dos estaleiros é dura; a distância das famílias durante semanas ou meses é um constrangimento que pode fazer com que os jovens tomem caminhos não tão bem-sucedidos, como seria desejável. Por isso mesmo, acredito que estes jovens merecem um bom acompanhamento na fase mais importante da sua formação profissional, com bons exemplos de profissionalismo, responsabilidade, respeito e companheirismo.

De uma forma geral os tutores afirmam que os formandos possuem uma formação adequada às funções que devem desempenhar, que o seu enquadramento na empresa/obra/equipa é bom e que a faixa etária com que efetuam o estágio é adequada. No

entanto, espantou-me pela negativa a *falta de tempo* afirmada pelos tutores para acompanhar os formandos na realização das suas tarefas e ainda, o fato de muitos dos tutores se revelarem surpresos com a falta de experiência dos estagiários. Esta falta de experiência, do meu ponto de vista seria expectável, dado que se tratam de estagiários e não profissionais do ramo. Entristeceu-me saber que maior parte dos tutores desconheciam os planos de formação dos estagiários. Alguns, nem mesmo o nome do curso sabiam. Assim sendo, como poderiam encaminhá-los corretamente? Os tutores referem que devia existir alguém responsável da entidade formadora que auxiliasse nesse processo e acompanhasse os estágios, o que reforça ainda mais a ideia que estes não os têm acompanhado convenientemente, tentando delegar as suas funções à entidade formadora.

De todos os tutores contactados apenas dois referiam ter conhecimento dos planos de curso e ter tentado proporcionar aos formandos o contacto com o maior número de experiências possíveis em obra.

Pelo que consta no relatório do CICCOPN, este

tem efectuado um esforço muito significativo na inserção de formandos jovens e adultos, apesar das vicissitudes que o sector tem vivido na última década. As solicitações das empresas excederam a oferta do CICCOPN, pela sensibilização e persistência do Departamento Pedagógico junto das entidades do sector, que reconhecem a qualidade da formação ministrada. (CICCOPN, 2010, p. 36).

Se tal assim é, atrevo-me a propor uma seleção mais aprimorada das empresas que poderão receber estagiários e ações de sensibilização às empresas e aos tutores, prévias à receção dos estagiários. Atrevo-me também a propor que a entidade formadora desenvolva um esforço redobrado no acompanhamento mais próximo dos seus formandos.

No que respeita ao processo de supervisão em si, foram sentidas dificuldades em termos das marcações com os tutores devido a constrangimentos de tempo. De referir também os gastos financeiros elevados nas deslocações efetuadas aos locais de estágio que estiveram a meu cargo.

De qualquer forma, confesso que tenho uma profunda crença na formação profissional. Acredito que estará na base da reestruturação do nosso país uma formação



realizada com qualidade e responsabilidade, mais do que qualquer curso tecnológico inserido apenas no contexto escolar ou nas tantas licenciaturas e cursos superiores que cresceram em Portugal nas últimas décadas, de duvidosa qualidade ou empregabilidade. Por isso sonho...

*“Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso  
(...)”*

*Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida,  
que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança”*

António Gedeão, 1956

Este poema transformou-se num grito de revolta e sofrimento numa altura turbulenta mas ao mesmo tempo de afirmação e esperança.

A supervisão poderá ser como um sonho, como uma idealização, uma nova ideia que nos faz erguer da *pedra cinzenta*, dos hábitos e vícios do dia-a-dia, e nos leva a *pular* e *avancar*, ou seja, a melhorar e a inovar.



# **Bibliografia Consultada**



## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANQ. *Guia das Profissões – Escolhas com Futuro*.(2009).
- BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- CABRITO; Belmiro Gil (1994). *Formações em Alternância: conceitos e práticas*. Educa-formação.
- CANÁRIO, Rui e outros (1997). *Formação e Situações de Trabalho*. Coleção Ciências da Educação. Porto. Porto editora.
- CAPELO, Rui Grilo, e outros (1994). *História de Portugal em Datas*. Círculo de Leitores
- CARVALHO, Rómulo (1986). *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CICCOPN (Ed.) (2010). *Relatório de Atividades de 2010*. Maia: CICCOPN.
- CICCOPN (Ed.) (2012). *Plano de Atividades de 2012*.Maia: CICCOPN.
- EDUSER, Revista de Educação (2010). Maio, Natividade Lurdes, *A supervisão: funções e competências do supervisor*. Instituto Politécnico de Bragança. Escola Superior de Educação.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (2002). *A Supervisão na Formação de Professores II – da Organização à Pessoa*. Porto: Porto Editora (Colecção Infância.).
- PUBLICAÇÕES ALFA. Vários autores, (1990). *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal* (1990).
- RANGEL, Mary e outros (2003). *Supervisão Pedagógica – Princípios e Práticas* (8.<sup>a</sup> edição). São Paulo, Brasil: Edições Papiro. <http://books.google.pt/books>. 25/07/2012.
- REIS, António et al (1994). *Portugal, 20 anos de Democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- RODRIGUES, Aldina (2012). Os Jovens e as Novas Tecnologias. Tese de Mestrado. Universidade Lusófona.

- SÁ-CHAVES, Idália (1999). *Supervisão: Concepções e Práticas. Conferência de Abertura da Semana da Prática Pedagógica das Licenciaturas em Ensino*. Aveiro: Centro Integrado de Formação de Professores / Universidade de Aveiro.
- VIEIRA, F; MOREIRA, Maria Alfredo; BARBOSA, Isabel & PAIVA, Madalena (2010). *No Caleidoscópio da Supervisão*. 2ª edição. Mangualde: Edições Pedagogo.